

Gazeta das Caldas

95
anos



Esta revista faz parte da edição 5351, de 8 de outubro de 2020, do semanário Gazeta das Caldas e não pode ser vendido separadamente



Multiplicamos soluções e oportunidades, visões e possibilidades. E para que a sua empresa tenha financiamento e também futuro, **Multiplicamos Valor.**

Em teoria, prestamos garantias financeiras.

Na prática, fazemos muito mais: Assumimos o risco do crédito com outras entidades financeiras, facilitando o acesso das empresas a financiamento em condições e prazos mais vantajosos. A nossa história sempre se caracterizou pela **Multiplicação de Valor**, e ao longo do nosso trajeto, apoiámos, impulsionámos e modernizámos milhares de PME nos setores da Agricultura, Indústria, Comércio, Serviços, Construção e Transportes.

Garval - Sociedade de Garantia Mútua, S.A.
Praceta João Caetano Brás, nº 10, 2005 - 517 Santarém
Geral + 351 243 240 080 Fax + 351 243 240 089
www.garval.pt

 **garantia
mutua**
CRESCA CONNOSCO



Marcelo Rebelo de Sousa
Presidente da República

Nos 95 anos da Gazeta das Caldas

fundada em 1925 por um grupo da elite local de Caldas da Rainha – «uma plêiade brilhante de mocidade», como o próprio jornal o designou –, a Gazeta das Caldas assumiu, logo no primeiro número, um marcado pendor regional.

Na verdade, desde o seu primeiro número, e até hoje, a Gazeta das Caldas ostenta o subtítulo de «jornal regionalista», o que bem define o perfil desta publicação – e o seu carácter.

A Gazeta das Caldas proclamou-se ainda «livre em absoluto de toda a política de partidarismo» e, de facto, só um arreigado espírito de independência, aliado a um incansável trabalho pela qualidade da informação e da opinião, permitem que um periódico consiga alcançar 95 anos de existência sem nunca perder o interesse de muitas gerações de leitores.

A imprensa regional e local encontra-se em crise, como bem sabemos, situação exponenciada pela actual pandemia.

Como leitor atento de jornais, onde colaborei durante várias décadas, mas, acima de tudo, como Presidente da República, tenho sérias preocupações quanto ao futuro da imprensa local.

Sem ela, seu o seu contributo diário ou semanal, sempre insubstituível, a qualidade da democracia em Portugal irá ressentir-se de forma acentuada, seja por dificuldade de acesso a informação de proximidade, isenta e credível, seja por escassez de meios alternativos de difusão de opinião esclarecida e de qualidade.

Jornais como a Gazeta das Caldas têm um papel absolutamente essencial na informação das populações e na promoção de uma cidadania activa e empenhada.

A imprensa regional constitui uma dimensão do poder autárquico a que por vezes

Jornais como a Gazeta das Caldas têm um papel absolutamente essencial na informação das populações e na promoção de uma cidadania activa e empenhada

não se dá o devido relevo, mas que tem uma importância tão crucial como foi a consagração, na Constituição de 1976, do princípio do autogoverno local, uma das mais felizes realizações do Portugal democrático.

A imprensa local desempenha também uma acção decisiva na ligação entre as populações e a suas terras, contributo tão mais valioso quanto é através dos jornais regionais que milhares de Portugueses que se encontram longe do lugar onde nasceram e cresceram, vivendo inclusive no estrangeiro, mantêm a sua admirável fidelidade às raízes, que procuram legar às gerações vindouras.

É disso que se forja o espírito da portugalidade.

É isso que mantém viva a chama do patriotismo democrático.

Por estas e muitas outras razões, felicito calorosamente a imprensa regional e, em particular, a Gazeta das Caldas e todos quantos nela colaboram.

E estou certo de que, apesar das adversidades do presente, o talento dos jornalistas, a liderança das direcções e, sobretudo, a fidelidade dos leitores permitirão à Gazeta das Caldas vencer mais um sobressalto de um percurso longo, longo de quase um século.

Parabéns, Gazeta das Caldas!

“A Gazeta é fundamental para escrever a história das Caldas”

José Luiz Almeida Silva dirige a Gazeta há 45 anos. É o diretor com mais tempo de funções da história do jornal, no qual começou por escrever, antes do 25 de Abril, sob pseudónimo.

Por Fátima Ferreira e Natacha Narciso

O diretor da Gazeta das Caldas com mais tempo em funções recorda os primeiros tempos em que começou a colaborar com o jornal e deixa um retrato da história da publicação. Foi depois do 25 de Abril que assumiu a liderança do projeto e o catapultou a estatuto de publicação de referência.

GAZETA DAS CALDAS: Qual é a primeira memória que tem da Gazeta das Caldas?

JOSÉ LUÍS ALMEIDA SILVA: Recordo-me de ler a Gazeta em miúdo, aos 10 anos, e também de passar na sede do jornal que ficava na Rua do Montepio. Interessava-me pela imprensa, pois recebia em casa o Diário de Notícias. Em miúdo, chegava a ir ao encontro do ardina Henrique, para ler o jornal o mais cedo possível. Os diários chegavam de comboio e ele vinha a apregoá-los desde a estação até à Praça da Fruta, onde eu morava. Apesar de ser um jornal da situação, era dos poucos que existiam e queria lê-lo o quanto antes.

Guarda memória de algum artigo dessa época?

Recordo-me que havia uma grande discussão relacionada com a Praça e, inclusivamente, o jornalista Luís Teixeira fez um manifesto em favor da Praça da Fruta. Naquela época a Gazeta lia-se num instante, tinha apenas quatro páginas e incluía poucas notícias. Veiculava sobretudo artigos doutrinários aos quais eu não dava a mínima importância. Houve uma altura em que o jornal era bissemanal.

Recorda-se do primeiro texto que fez para a Gazeta das Caldas?

Terminei o curso comercial nas Caldas, prossegui estudos no Instituto Comercial em Lisboa. Nessa altura reunia-me com um grupo de estudantes da Bordalo Pinheiro na capital, onde fazíamos convívios e retomávamos uma ideia antiga de formar a Casa das Caldas, em Lisboa, algo que já tinha surgido na Gazeta desde os anos 1920. Recordo-me que escrevi uma carta à Gazeta das Caldas a por isso mesmo. De qualquer modo, foi

inconsequente. Era uma ilusão de jovem pois via a Casa do Alentejo e também algumas do Norte... Era uma ideia que não pegou.

Esteve então ligado ao jornal?

Não, Colaborei pontualmente quando regresssei às Caldas para dar aulas em 1972, já formado em Contabilidade. Fui professor na Escola Comercial e Industrial de Contabilidade, Matemática e de Direito Comercial, no ensino diurno e nocturno. Conhecia alguns elementos da Gazeta e continuei a escrever alguns textos que suscitaram alguma polémica sobre, por exemplo, temas como a violência no desporto. Assinava com o pseudónimo Parlaptus e, outros, apenas como Zé Luís. Por razões ideológicas ou de discordância deixei de escrever na Gazeta, em meados de 1972. Regressei mais tarde ao jornal, pois colaborava no suplemento Análise, que era feito por um grupo de jovens que se reunia no espaço da catequese no Hemiciclo João Paulo II. Este integrava elementos como José Sancho e Manuel Nunes, entre outros.





O Análise teve três edições e contávamos com o apoio do jornal “A República”.

E tinham apoio da direcção do jornal, que então estava ligado ao regime?

O então director do jornal, o dr. Saudade e Silva era da situação, mas permitia uma certa abertura. De qualquer modo, a censura começou a exercer grande pressão por causa do suplemento Análise, onde escrevíamos sobre a fome, a guerra a paz, as crianças, ou seja, sobre os grandes temas da altura. Entretanto, quando fui finalista do curso de Contabilista (ICL) tive a oportunidade de viajar e de conhecer vários países da Europa, o que me abriu horizontes.

A sua formação política – de esquerda – como se foi consolidando?

Consolidei a minha formação política em Lisboa, nos tempos de estudante. Havia ações de luta contra o regime na escola. Naquela altura o Instituto Comercial ficava muito próximo de Económicas e a contestação era uma constante, com ações políticas,

distribuição de panfletos e tomadas de posição. O MRPP era muito dinâmico junto dos estudantes e essa atitude de contestação ao regime acabou por se solidificar e ter consequências na formação política.

Veio com essa postura contestária lecionar para as Caldas...

Não. Lecionava normalmente. No entanto, por iniciativa de Manuel Gil, organizámos na escola um grupo de teatro que representou a peça “Morte e Vida de Severina” que teve duas apresentações, mas a seguir foi suspensa. O tema era a fome no Brasil que era semelhante à fome no Alentejo. Eu e Manuel Gil éramos os únicos professores, os restantes eram alunos. E como a escola proibiu a representação da peça, mudámo-nos para o Conjunto Cénico Caldense. Ainda conseguimos apresentá-la no Festival de Teatro de Évora, em Rio Maior, Alfeizerão, Vidais e Bombarral. Décadas depois descobri, no Arquivo da Torre do Tombo, que havia relatórios da Pide sobre estas atividades.

Depois de dar aulas na Escola Comercial e Industrial, voltou a sair das Caldas...

Saí das Caldas para ir para a tropa, para cadete miliciano no quartel de Mafra. Em princípio deveria ter ido para uma especialidade relacionada com Contabilidade mas, sem saber o motivo, a meio da recruta fui logo selecionado para o curso de Oficiais dos Comandos para Angola, em jeito de castigo. É que havia uma carta da Pide que afirmava que eu fazia afirmações nas minhas aulas [na Escola Comercial] que eram contra o regime. Estive posteriormente em Abrantes e fui ameaçado que se continuasse a ter a mesma postura [anti-regime] me mandavam como soldado para a Guiné, como aconteceu a vários outros militares. Nessa altura, comecei a preparar a minha ida para o estrangeiro...

Foi a salto para a França?

Sim, e não disse nada a ninguém, nem a familiares nem a amigos. Fugi para França 15 dias antes da partida, que já estava marcada para Moçambique. Das Caldas viajei até Porto de Mós e, já acompanhado por um passador, até Pombal. Quase nem falámos... O percurso incluiu o Porto onde apanhámos uma carreira para Chaves. Depois seguimos de táxi e passámos a fronteira a pé. Já tinha passaporte, do tempo das viagens de finalistas, e segui o resto do percurso sozinho. Segui para Ourense [Galiza] e apanhei o comboio para Irun e depois Paris. À minha

espera em Paris estava o meu amigo Alberto Costa (natural de Alcobaca e que foi ministro em governos do PS). No dia seguinte fui à Polícia pedir o estatuto de refugiado político, pois nessa altura já havia repressão contra os emigrantes clandestinos.

O que fez nesse primeiro dia na capital francesa?

Andei a passear em Paris e aproveitei para ir ver um filme que era muito falado em Portugal, “O Último Tango em Paris” de Bernardo Bertolucci, que me impressionou bastante, sobretudo porque em Portugal era tudo proibido. Decidi, então, ficar por terras gaulesas e fui trabalhar para um banco em Rouen, uma bonita cidade que ficava perto de Paris. Estagiei na sede, na capital, e em Versailles, tendo ficado em casa de Joaquim Bernardes, que era de Leiria e que recebia os refugiados portugueses.

Deu a conhecer aos familiares e amigos que se encontrava em França?

A minha família soube que lá estava, após eu ter contactado familiares no Canadá que depois os informaram. Mantive contacto também com alguns militares, mas uma boa parte das cartas era apanhada pela Pide. Eu escrevia com nomes e moradas trocadas, mas eles abriam a correspondência, fotocopiavam-na e voltavam a remetê-la aos destinatários. Outras missivas que me escreviam, acabaram por nunca me chegar.

Olhando para trás, como foi viver essa experiência em França?

Ainda bem que não fui para uma especialidade de secretária, pois teria ficado até à Revolução. Para mim foi muito importante a experiência vivida no estrangeiro pois foi-me dada a oportunidade de viver num “mundo” desenvolvido e com liberdades. Cheguei a Paris em outubro de 1973 e, desde então, passei a ler o “Le Monde” diariamente. É para mim uma escola, uma referência do jornalismo. Fiz-me também assinante de “A República”, que recebia diariamente em terras gaulesas. O caldense e amigo, Manuel Nunes, fazia-me chegar a Gazeta das Caldas semanalmente.

De França, manteve ligações aos jornais portugueses?

Também nessa altura passei a colaborar, enviando textos, para “A República”, que tinha ligações com o movimento das Forças Armadas. Publicaram um texto meu a 15 de março, cujo título era “Das Caldas veio >>>

a Luz!”. O seu teor era irónico, mas coincidiu com a saída das tropas do RI5 rumo a Lisboa para derrubar o regime. Parecia que o título era premonitório... De França enviei para amigos e familiares fotocópias dos artigos nos jornais estrangeiros sobre o que estava a acontecer em Portugal, mas a verdade é que foi tudo apreendido pela Pide, como mais tarde vim a confirmar na Torre do Tombo. A partir daí, muitos portugueses vinham ter comigo ao banco a Rouen para perceber o que se tinha passado em Portugal.

Onde estava quando se deu a revolução? Nessa altura veio a Portugal. Quando?

Estava no banco quando aconteceu o 25 de Abril e ligaram-me a dizer que tinha havido um golpe de Estado, mas não se sabia se poderíamos regressar de imediato... Vou para Paris e ligam-nos de Portugal a garantir que podíamos regressar. Já nas Caldas participei em diversas ações e comecei de novo a escrever textos para a Gazeta, sem, contudo, ter uma participação regular. Há vários artigos que publico de França e que mandava pelo correio.

Ainda regressou a França. Quando é que voltou de vez?

Tive de voltar, pois o tempo de férias tinha terminado. Regressei ao banco em Rouen, até porque em Portugal o meu problema militar continuava por resolver. Mas sempre com a ideia de voltar de vez ao meu país. Acabaria por acontecer em outubro e, quando cá cheguei vivia-se uma crise na Gazeta, por divergências entre os colaboradores do jornal. Em Novembro de 1974 foi criada uma comissão de redação, constituída por sete pessoas, onde eu estava incluído. Recebíamos textos e seleccionávamos o que era publicado. Ainda eram apenas quatro páginas e o jornal era bissemanal. A certa altura os outros foram-se afastando e fui ficando. O director era Adérito Amora, um empresário de esquerda com ideias inovadoras e com dinheiro. A 25 de Abril de 1975 ele quis sair e “propuseram” que ficasse diretor interino, sem oposição.

Com que idade se tornou director?

Tinha então 24 anos... Na altura a Gazeta era um jornal bastante controverso e, de vez em quando, apareciam cartas com nomes desconhecidos que diziam mal do jornal. A Gazeta das Caldas, quando foi fundada, era bastante independente. Em 1928, por exemplo, é feita uma subscrição para os

refugiados da ditadura que estavam fora do país. A subscrição foi proibida pela censura, instaurada desde 1926. O jornal tinha um espírito regionalista e só mais tarde é que foi entregue ao partido do regime, tendo passado a ser um jornal extremamente ideológico. Era, por isso, preciso resgatar o espírito inicial do jornal.

Como nasceu o jornal assente numa cooperativa, que é actualmente um caso raro no país?

Logo a seguir ao 25 de Abril, o jornal era uma espécie de empresa do dr. Saudade e Silva, mas que nem sequer se encontrava legalizada. O próprio jornal não estava totalmente legalizado nas entidades oficiais. Além do mais, havia problemas com o aluguer da sede do jornal. Era uma situação precária, foi preciso pedir um empréstimo para pagar as dívidas e os salários. Na época, o jornal tinha cinco funcionários e a publicidade recebida era pouca e, sobretudo, institucional.

“Mais do que os partidos, as confissões religiosas e os interesses económicos ou sindicais, o grande lema deste semanário é a defesa da região. Foi esse o leitmotiv desde a sua criação”

Em todos estes anos acompanhou muitos acontecimentos e datas marcantes, tanto na região como no país, pode identificar duas ou três?

Destaco os debates com os candidatos autárquicos, a luta anti-nuclear com a instalação da central em Ferrel, os Encontros Internacionais de Arte, as comemorações do centenário do nascimento de Raul Proença (que inclusivamente deu nome à escola secundária) e as comemorações de José Malhoa, em que a Gazeta pertenceu à comissão organizadora, entre muitos outros. Organizámos ainda uma revista que teve como colaboradores os artistas e historiadores António Duarte, João Serra, João Fragoso, José Augusto França, entre outros, e os suplementos Pela Vida que, durante muitos anos, tiveram a colaboração de muitas personali-

dades. A Gazeta é fundamental para escrever a história das Caldas.

A Gazeta tem-se pautado por ser a voz da região, e dos seus leitores, junto dos poderes instituídos. É este o papel de um jornal regional?

Acho que sim. O primeiro editorial da Gazeta fala nisso e a nossa linha editorial passa por aí, assim como muitos dos editoriais que tenho escrito. Mais do que os partidos, as confissões religiosas e os interesses económicos ou sindicais, o grande lema deste semanário é a defesa da região. Foi esse o *leitmotiv* desde a sua criação e foi também a razão de muitas das suas zangas com as pessoas da situação. Mesmo durante a fase nacionalista, mais ligada ao regime, o jornal teve sempre como lema defender as Caldas e, muitas vezes, escreveu coisas que a censura cortou, por considerar que o regime tratava mal esta região. Mesmo quando esteve a liderar a Câmara um antigo director da Gazeta, João Botelho Moniz, há certos momentos em que o jornal coloca em causa a sua actuação. O periódico teve sempre uma voz muito acutilante contra os poderes instituídos, excepto no início, em que o tio de Carlos Saudade e Silva [Augusto Saudade e Silva] era o edil e era uma personalidade muito querida do jornal. Outro exemplo foi o facto da Gazeta ter feito campanha para as Caldas abandonar o distrito de Leiria e ir para o de Lisboa, por entender que Leiria prejudicava este concelho.

Ao longo das décadas tem sido difícil resistir às pressões políticas e económicas? Com as quebras na publicidade considera que continua a ser possível manter a isenção e rigor?

Se olharmos para o contexto do país e da comunicação social em Portugal, o que era um objetivo genuíno hoje está ultrapassado. Aquela pureza, em relação à isenção, é difícil de manter e há coisas que já não são tão valorizadas. Hoje as pessoas conseguem discernir, elas próprias, o que é bom ou mau. O que é tentativa de manipulação. Estes princípios eram para evitar as *fake news*, hoje elas fazem parte da realidade. O jornal tenta sempre, mas faz certas concessões, que as pessoas detetam. A Gazeta não se vende a nenhum poder, mas essa pureza já não existe. Era impossível subsistir... Vejamos a realidade nacional: os jornais, se tomam posições independentes, acabam, mas se tomam posições pouco independentes também, pois ficam reduzidos a essa voz.

É um equilíbrio periclitante, mas os nossos leitores percebem qual é a independência da Gazeta e esta não está enfeudada a nenhum poder. Damos a possibilidade a todos de se poderem exprimir. Não há ninguém que possa dizer que quis publicar um assunto desagradável ao poder instituído e que este não foi aceite. Até criámos uma prerrogativa, que é das coisas mais interessantes, que é ao invés de estarmos à espera que a outra parte desminta, pedimos o contraditório.

Com a massificação da comunicação e da informação, os jornais regionais vêm perdendo a sua relevância. Concorde?

Não. Acho que toda a imprensa vem perdendo relevância, mas considero que os jornais regionais vão mantendo relevância nos seus meios, os que conseguem resistir. Hoje a imprensa nacional está muito regionalizada, há bastantes diários que publicam 3000 ou 5000 exemplares, ou seja, têm uma cobertura muito restrita. Mesmo no estrangeiro, salvo algumas exceções, a maior parte dos jornais tem a sua área de influência limitada à sua região. Para certos teóricos, a imprensa regional é a que vai ter mais viabilidade. O

diretor-convidado do nosso número de aniversário, o dr. Carlos Querido, partilha dessa opinião e também concordo com essa visão. Com as dificuldades que existem é cada vez mais difícil, mas continuamos a tentar.

Como é que a Gazeta das Caldas, que está a comemorar os 95 anos, tem acompanhado essa evolução?

Fizemos uma coisa que nunca tínhamos feito, que foi convidar um director para coordenar esta edição. É uma pessoa muito prestigiada, pelas suas tarefas profissionais mas também pelas actividades paralelas de ser escritor e participar na vida social da cidade. É muito interessante pela forma como pensa, tem sido uma aprendizagem para todos trabalhar com ele.

Que caminhos é que se colocam ao jornal nos tempos actuais?

Os jornais conseguem arranjar receitas fazendo suplementos temáticos e publicações especiais, com patrocínios e publicidade especial. Temos o problema da redução da publicidade pois as pessoas têm, elas próprias, capacidade de anunciar nas redes sociais. Ve-

mos em Portugal semanários que, simultaneamente, são diários na internet, e diários que o eram em papel e passaram a ser semanários, sendo apenas diários na internet. Mesmo no estrangeiro, grandes jornais nacionais estão entregues a capitalistas que tentam manter a independência, ou a fundações. É de ver o que aconteceu com as caricaturas no New York Times, que o lobby judaico conseguiu evitar a publicação. É um jornal de referência, anti-poder mas que não aguentou essa pressão, também económica. Acho que é uma quadratura do círculo. Na Gazeta estamos numa nova fase, a tentar ganhar outra vez força e só com a ajuda dos leitores, dos que compram o jornal, é que conseguiremos chegar a bom porto. Eu, apesar de ter assinatura digital, compro a Gazeta todas as semanas numa tabacaria porque gosto de a folhear.

Doutorado em Economia e especialista em prospectiva, já estabeleceu cenários para o jornal?

Para o jornal nunca o fiz, porque a pessoa que está imbuída nas questões a analisar é um mau prospetivista. A pessoa tem de ser independente. Nunca tentei fazer coisas >>

RIDE
SURF RESORT & SPA
PENICHE - PORTUGAL

**E VOILÁ,
SABORES FRESCOS
MAIS PERTO DE SI.**

10%
Recorte ou tire
fotografia desta página
e aproveite o desconto

RIDE SURF RESORT & SPA

5 Rua Bartolomeu Dias
2520-177 Ferrel Portugal

✉ booking@ridesurfresort.com

☎ +351 262 247 350

🌐 www.ridesurfresort.com

📱 RIDESURFRESORT

📷 RIDESURFRESORT_PENICHE

Map showing the location of RIDE Surf Resort & Spa in Ferrel, near Peniche, Portugal. The map includes nearby towns like Vau, Sobral da Lagoa, and Odivelas, and roads like N114, N115, and A15.

onde estou envolvido, porque sei que vou errar. Sei que não consigo ter ideias “fora da caixa”.

Disse-nos que nunca mais abandonou o barco. A sua relação com a Gazeta é sobretudo afectiva?

É afectiva com as pessoas da Gazeta. Só a Gazeta viva, do dia a dia, é que me interessa.

Alguma vez se zangou, ou deixou de falar a alguém por causa da Gazeta?

Há muitas pessoas que se aborreceram por artigos publicados e que nem eram da minha responsabilidade, mas que também não cortava respeitando o princípio da opinião e dando o contraditório. Mas essas pessoas achavam que eu não devia ter autorizado a publicação...

E crises com a Câmara?

A Gazeta teve grandes crises com a Câmara, e algumas vezes o problema partia de pessoas amigas ou próximas do executivo. Inclusive houve alguém que publicou como leitor devidamente identificado e depois o artigo “deu bronca” na Câmara e na Assembleia Municipal. O caricato é que essa mesma pessoa escreve uma carta a solidarizar-se com

o presidente da Câmara contra o que foi publicado no jornal... por ela própria. Houve também chatices com amigos, coisas indirectas em que só tenho culpa por ter o nome à frente da Gazeta, pois são assuntos da redação.

Mas também haverá coisas boas...

Por ser diretor da Gazeta conheci pessoas excepcionais. Tenho uma vida fora das Caldas e há pessoas que não sabem, ou só muito mais tarde, vieram a descobrir a minha ligação ao jornal. Mas, pelo fato de estar ligado ao jornal, conheci pessoas excepcionais, principalmente ligadas à área das artes e criatividade. Também conheci os militares de Abril, presidentes da República, escritores, políticos, entre muitas outras personalidades. Também conheci muitas pessoas nas Caldas, algumas das quais me tornei bastante amigo. Para mim o jornal foi uma grande escola. Mas também queria acrescentar as muitas dezenas de pessoas, para além dos leitores, assinantes e anunciantes, que colaboraram no projeto neste longo período, quer pessoas que trabalham e trabalharam na Gazeta nos vários sectores, da parte técnica e administrativa, bem como jornalistas e muitos

colaboradores benévolo, que ajudaram a concretizar esta ideia dos fundadores e que criaram uma imagem de jornal que é hoje reconhecida nacionalmente. A todos se deve aquilo que se conseguiu até hoje que se pode perspetivar no futuro. Sem nomear ninguém agradeço a todos.



Pub.

Serviço de Consultas Alargado
Clínica Geral
Enfermagem
Entre as 8H00 e as 22H00

IMAGIOLOGIA
 Raios X
 Ecografia
 Mamografia
 Ortopantomografia
 Osteodensitometria
 TAC

DEPARTAMENTO DE ORL
 Audiometria
 Estudo Poligráfico do Sono
 Potenciais Evocados
 Terapia da Fala

UNIDADE DE TÉCNICAS ENDOSCÓPICAS
 Endoscopia Alta e Colonoscopia
(com ou sem apoio anestésico)
 Outros Exames do Forro Gástrico

DEPARTAMENTO DE CARDIOLOGIA
 ECG
 HOLTER
 MAPA
 Ecocardiograma
 Registo de Eventos

 Medicina Física e Reabilitação (Fisioterapia)
 Lar / Centro de Dia
 Residências Assistidas

Casa de Saúde 262 837 100
Lar de Idosos 262 870 400
Fisioterapia 262 870 580
Condomínio Residencial 262 839 580

CIRURGIAS
 Geral
 Ginecológica
 Neurológica
 Oftalmológica
 Ortopédica
 Plástica, Estética e Reconstructiva
 Urológica
 Outras

INTERNAMENTOS
 Quartos Privados (c/ casa de banho)
 Enfermarias
 Unidade de Convalescença (RNCCI)

CONSULTAS DA ESPECIALIDADE
 Alergologia
 Angiologia
 Cardiologia
 Cirurgia Geral
 Cirurgia Plástica
 Dermatologia
 Endocrinologia
 Estomatologia
 Fisiatria
 Gastroenterologia
 Ginecologia
 Medicina Interna
 Nefrologia
 Neuro-Cirurgia

 Neurologia
 Nutrição
 Oftalmologia
 Ortopedia
 Osteopatia
 Otorrinolaringologia
 Pneumologia
 Proctologia
 Psicologia
 Psicanálise
 Psiquiatria
 Reumatologia
 Urologia

MONTEPIO
RAINHA D. LEONOR
Associação Mutualista
Instituição Particular de Solidariedade Social

geral@montepio-rdl.pt
www.montepio-rdl.pt
Rua Heróis da Grande Guerra, 108
2500 - 180 CALDAS DA RAINHA

(019)

8

8 de outubro de 2020 | **Gazeta das Caldas**

NOW YOU CAN ID.3

VENHA CONDUZI-LO

A mobilidade do futuro começa ao volante do ID.3.
Um automóvel 100% elétrico, com um design futurista
e com uma autonomia até 549 km. O novo ID.3 marca
o início de uma nova era: mais sustentável e mais acessível.
Venha conduzir o novo ID.3 totalmente elétrico e junte-se
a nós no caminho para um futuro com zero emissões de CO₂.

ZERO
Volkswagen way to

Consumo de eletricidade (kWh/100 km): 13,5 - 14,5; emissões de CO₂ (g/km): 0
Valores sujeitos a alterações em função do equipamento opcional escolhido.



Lubrigaz

Carvoeiros, Santa Eufémia
2420-500 LEIRIA
Tel.: 244 830 000 | Email: geral@lubrigaz.pt

Rua Dr. Artur Figueirôa Rego, nº100, Lavradio, Estrada da Tornada
2500-187 CALDAS DA RAINHA
Tel.: 262 840 516

Um jornal a caminho do centenário

Há 95 anos surgia um semanário com o intuito de defender os interesses da região. O jornal começou independente, passou por várias fases e chegou a ter a sua edição suspensa.
Por Natacha Narciso

O primeiro número da Gazeta das Caldas foi impresso na tipografia Caldense de José da Silva Dias e saiu a 1 de outubro de 1925. É com a ajuda do historiador João Serra que propomos aos leitores uma viagem pelas páginas e pelo percurso deste jornal nas suas primeiras décadas. O investigador foi o responsável pela rubrica Páginas com História e nela publicou o artigo “A Gazeta das Caldas - 1ª fase: 1 de Outubro de 1925 - 31 de Outubro de 1936”. Na primeira edição, logo na primeira página há “um complemento do título, uma classificação que se manteria até aos anos 40: ‘jornal regionalista’”, afirma João Serra sobre este semanário que, então, tinha sede nos Pavilhões do Parque. A redação integrava José Saudade e Silva, José F. Fialho Júnior, António Montês, Manuel Carvalho, António Leitão e César Coelho da Silva. O administrador e editor era Guilherme Nobre Coutinho.

No seu artigo de análise, o especialista salientou no texto do número 1, “Ao que vimos”, no qual a Gazeta das Caldas se afirmava “livre, em absoluto, de toda a política de partidarismos” e manifestava o propósito de “servir os interesses da região, chamando a si todas as ideias, venham de onde vierem,



rem, que concorram para o seu progresso incessante”.

Numa primeira fase, o jornal foi o órgão desse grupo que tinha elementos da redação, que pontuavam desde 1924 “na Câmara, na Comissão de Iniciativa, criada pela mesma altura, e na associação Comercial e Industrial”, refere João Serra. A 7 de fevereiro de 1926, Manuel Augusto de Carvalho, advogado, abandonou o semanário, tendo sido substituído por António V. França Borges, então tenente no RI5, antecessor da Escola de Sargentos do Exército.

A 15 de maio de 1926, e por imposição da lei de imprensa em vigor, ocorre uma alteração na orgânica do semanário. Guilherme Nobre Coutinho mantém as funções de administrador e editor, mas a lista dos membros do corpo redatorial é retirada. Em

seu lugar, aparece justificada pelo jornal com o facto de António Leitão ser, de todos os redatores, “o que se encontra menos sobrecarregado com outras funções”, escreveu o investigador.

Dos pavilhões do parque, a sede do jornal transferia-se para o Largo Dr. Barbosa, 17, 1.º D. O historiador detetou que António Leitão não terá sido um responsável consensual no semanário. A partir de 1928 iria vigorar uma ditadura militar - os meses seguintes foram de agitação política - e “a maior parte dos homens que tinham sido o suporte político da Gazeta viram-se arrastados pela nova situação”. António Montês foi o primeiro redator a manifestar divergências com António Leitão, tendo-se demitido a 4 de julho de 1926. A 23 de agosto “foi a vez de Nobre Coutinho que invocou razões pessoais pedir

para abandonar a administração. Segundo o historiador caldense, António Leitão acumulou os cargos de editor e diretor, mas por pouco tempo. A 5 de setembro de 1926, a Gazeta suspendeu a publicação. Esta só viria a ser retomada quatro meses mais tarde, a 1 de janeiro de 1927, já com a indicação obrigatória de “visado pela comissão de censura”. Nobre Coutinho regressa, assumindo funções de diretor. O novo administrador e editor passa a ser João da Silva Cruz.

Para João Serra, o conjunto das edições da Gazeta, entre 1927 e 1935, “é a de que um figurino e um estilo editorial foi finalmente encontrado, após quase um ano de experiência”.

Salientou também o trabalho dos jornalistas Luís Teixeira e Pires Machado que, com Guilherme Nobre Coutinho, “constituem a espinha dorsal deste periódico caldense”. O historiador sintetiza afirmando que a Gazeta atinge, “sob o seu comando, momentos altos da sua vida como projeto jornalístico de uma comunidade”.

Na sua edição de 10 de novembro de 1934, a Gazeta noticia a morte de Nuno Infante da Câmara, ocorrida a 7, referindo-o como seu fundador. “Será talvez legítimo supor que o seu contributo para a Gazeta tenha sido basicamente financeiro”, esclareceu o investigador. Infante da Câmara “era um abastado proprietário ribatejano, em Vale Figueira, no Cartaxo. Radicara-se nas Caldas precisamente em 1925”. Entrevistado pela Gazeta das Caldas, o filho do fundador, Francisco Nobre Coutinho confirmou que de facto Infante da Câmara “amigo das Caldas e do meu pai” e que financiara a fase de arranque da Gazeta condição *sine qua non* de viabilidade.

Guilherme Nobre Coutinho faleceu em janeiro de 1935, em consequência de uma intervenção cirúrgica. A Gazeta noticia a sua morte a 2 de fevereiro. De seguida, o editor e administrador, João da Silva Cruz, passa a acumular também o cargo de diretor.

João Serra explica que o semanário mantém o figurino e despontam novos colaboradores - e alguns regressam como António Montês - como José Bonifácio da Silva, Eurico Bonifácio da Silva, Virgílio Amaral e Paulino de Figueiredo. A 31 de outubro de 1936, João da Silva Cruz, que era funcionário dos Correios, deixa o jornal, pois passa a ser chefe da estação telegrafo-postal de Viana do Castelo.

O jornal vive um novo período, dado que empresa foi adquirida por uma sociedade de que Augusto de Carvalho era o administrador. Ele será também o editor do semanário

enquanto que João Artur Botelho Moniz ocupa o cargo de director.

A edição da Gazeta de 28 de novembro de 1936 inaugura um novo estilo gráfico e “uma orientação diferente, uma mudança significativa de projecto jornalístico”, afirma o investigador, referindo ainda que “10 anos, depois, o 28 de Maio chega finalmente à Gazeta. O seu regionalismo, mau grado as afirmações em contrário, já não será apartidário”.

Nos primeiros 11 anos da Gazeta, João Serra identificou um conjunto de temas que o jornal traz às suas páginas com o intuito de chamar a atenção dos poderes públicos. São cinco as associações voluntárias locais que são alvo de preocupação e de apoio da Gazeta: a Misericórdia, o Lactário-creche Rainha D. Leonor, a Associação de Socorros Mútuos Rainha D. Leonor, o Orfeão Caldense e os Bombeiros. Outras entidades muito referenciadas são a Câmara Municipal, o Hospital Termal, a Comissão de Iniciativa

Nos primeiros anos Gazeta apoia a Misericórdia, o Lactário-creche Rainha D. Leonor, a Associação de Socorros Mútuos Rainha D. Leonor, o Orfeão Caldense e os Bombeiros

(que virá a ser designada por Comissão de Turismo), a Associação Comercial e Industrial e, depois de 1934, o Museu José Malhoa. O jornal criticou a administração hospitalar que, na época, registava relações tensas com a Câmara, a Associação Comercial e Industrial e com a Comissão de Iniciativa. Segundo o historiador, em 1932, a Gazeta concorda com proposta de José Saudade e Silva no sentido de entrega do Parque, Mata e Clube de Recreio à administração da Comissão de Iniciativa, da cedência do Hospital de Santo Isidoro à Misericórdia e da nomeação de uma Comissão Administrativa para o Hospital Termal constituída por um presidente, nomeado pelo Ministro do Interior, e dois vogais, um em representação da Câmara Municipal e outro em representação da Comissão de Iniciativa.

Durante aqueles anos, o jornal abordou, de forma sistemática, as grandes necessidades do concelho: em 1925 e 1926, as carências da vila apontadas são: mercado fechado, água canalizada, rede telefónica, fornecimento de energia e iluminação pública, a ausência de equipamentos básicos no bairro Além-da-Ponte. No que respeita ao concelho, as preocupações mais relevantes são: a ligação ferroviária Setil-Peniche, as estradas interregionais, o assoreamento da Lagoa de Óbidos e a degradação da praia da Foz do Arelho. O facto de ter sido atribuído o estatuto de cidade à vila caldense em 1927 gerou uma “ reacção desfavorável por parte da sede do distrito, Leiria”, escreveu João Serra, acrescentando que, em 1929, a Gazeta apoia a vontade caldense de ver o concelho integrado no distrito de Lisboa. “Tal pretensão era, aliás, na altura, comum a outros concelhos do sul do distrito de Leiria, como Peniche, Óbidos e Bombarral”, acrescentou o historiador.

Nesse ano foram inaugurados a rede telefónica urbana e o abastecimento de água. A partir de 1930, há um novo problema que se vai arrastar que é o da estrada de Santa Catarina. Em 1933 é apoiada a pretensão do Nadadouro de ser elevada a freguesia enquanto que no ano seguinte, foi criado o Museu José Malhoa e o jornal passa a “lutar” para que este possa instalar-se em edifício próprio. “Tal batalha aparece em paralelo com a criação duma Biblioteca Pública que deveria albergar-se num anexo do Museu”, sintetizou o historiador. Reivindicam-se nas páginas da Gazeta mais escolas e, entre outros projectos, apoia-se também a construção do Campo da Mata. No final do ano, Gazeta faz o resumo das necessidades do concelho: conclusão das obras do Hospital, edifício dos Correios, edifício da Misericórdia, mercado fechado, edifício para as repartições públicas, luz eléctrica, escolas, desassoreamento da Lagoa e estrada de Santa Catarina.

Em 1935, a Gazeta “volta a agitar o problema da nova Igreja, pede a extensão da rede telefónica às freguesias e a criação de uma Estação de Fruticultura”. Pelas suas páginas refere-se também a degradação do Teatro caldense, do Parque e da Mata. O próprio jornal lançou iniciativas que, apesar do entusiasmo da direção e da redação, obtiveram “sucesso desigual”. O historiador nomeia algumas como a criação do Museu das Artes (como era designado nos anos 20 o que mais tarde viria a ser oficialmente chamado Museu José Malhoa) e o le- >>

vantamento de um monumento à Rainha D. Leonor, ambas de 1925. Gazeta ainda abriu uma subscrição pública em 1927, mas o monumento só foi oficialmente inaugurado em 1935, “após peripécias diversas que rodearam a sua concepção e a escolha do local de implantação”, escreveu o caldense. Houve uma outra subscrição pública na Gazeta, por proposta de Guilherme Nobre Coutinho, em favor das famílias dos deportados políticos pela Ditadura Militar. Esta foi anunciada a 17 de janeiro de 1928, mas “foi proibida pela Censura”.

UMA GAZETA CONTRA UM PRESIDENTE

O historiador caldense Luís Nuno Rodrigues, no seu artigo “Imprensa e Poder Local: A Gazeta das Caldas (1925-1975) balizou a primeira fase da vida do jornal entre 1925 e 1936 referindo o forte pendor regionalista dessa fase. Os seus responsáveis “proclamam-no livre em absoluto de toda a política de partidarismos”, afirmando

que ele “procurará servir os interesses da região, chamando a si todas as ideias (...) que concorram para o seu progresso incessante”. Só que, em novembro de 1936 “esta” Gazeta escreve as suas “Últimas Palavras”, indicando que passará a ser dirigida por novas mãos. “Os ventos de Maio chegavam finalmente ao jornal, reflectindo o clima de crispação fascizante que se vivia por todo o País, nesse ano de 1936”, acrescentou o historiador, hoje destacado docente do ISCTE. Os dez anos que decorrem até 1946, até ao final da guerra, a Gazeta “torna-se um jornal de cariz vincadamente nacionalista. O periódico vai ser transformado num órgão ao serviço do Estado Novo e da União Nacional nas Caldas da Rainha”. As notícias sobre a cidade e o concelho “ocupam agora um espaço bastante menor em cada edição do jornal”. Há na época vários artigos sobre a Legião Portuguesa, assinados por França Borges. Este será diretor a partir de 1938 e o jornal valoriza eventos como a Exposição do Mundo Português, em 1940, e o mesmo acontece com o prolongamento regional

da mesma, materializada, na realização da Exposição da Província da Estremadura, em agosto de 1940, nas Caldas. A propaganda eleitoral nas vésperas de eleições é algo que passa a acontecer. Em 1938 indica-se o voto no governo de Salazar, “como portugueses previdentes e justos amantes da Pátria e da Família”, refere Luís Nuno Rodrigues. Segundo o investigador, nesta época não há hostilidade com a autarquia mas também “não há informação directa”. No entanto, também não se constata sinais de hostilidade. “Muito pelo contrário o Presidente da Câmara, Júlio Lopes, editor do jornal desde 1938 é seu futuro director, e é referido sempre em termos elogiosos, não fosse ele também o Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional”, contou o historiador. O mesmo acontece com Botelho Moniz, diretor do jornal de 36 a 38 e que é, simultaneamente, Administrador do Concelho e, mais tarde, vice-presidente da Câmara.

Falsa partida como quinzenário

Foi a 8 de outubro de 1922 que surgiu a primeira Gazeta das Caldas, segundo o historiador João B. Serra. Autoclassificava-se então de “quinzenário noticiário, humorístico e desportivo” e os seus proprietários e directores eram João de Campos e Abel Augusto dos Santos Simões. O cabeçalho já era graficamente semelhante ao da actual Gazeta, que vai surgir em 1925. O investigador caldense salienta que nesta edição de arranque se pretendia, segundo o que enunciava a redacção de então, “fazer a propaganda do desporto, ser um pouco

humorístico e dar... (aos leitores) as notícias mais pormenorizadas desta região: enfim, um bocadinho de cada coisa”. Segundo João Serra, a 1.ª edição foi vendida a 20 centavos, mas a segunda já foi a 30, uma vez que os custos da edição seguinte tinham ultrapassado as expectativas. Aparentemente esta Gazeta que estava pensada para ser um quinzenário “morreu” após a sua 6.ª edição, publicada a 15 de janeiro de 1923. Segundo o investigador caldense “não se encontram exemplares referentes a datas posteriores”.





CENFIM
CALDAS DA RAINHA

Formação de Excelência

Jovens | Adultos | Empresas





A partir de 1944, e de novo com Botelho Moniz na direcção, a Gazeta vive uma crise. “O jornal perde aos poucos a chama e o fulgor nacionalista que o caracterizaram nos anos imediatamente anteriores e torna-se por vezes desinteressante e falho de conteúdo”, contou o investigador. A crise da Gazeta parece ser sobretudo de cariz económico, digamos, uma crise do pós-guerra. “O jornal deve ter atravessado um mau período financeiro como o provam as frequentes interrupções na sua publicação e a periodicidade incerta que o caracteriza desde finais de 1944”. Nas suas páginas, lamenta-se as dificuldades que estiveram na origem na suspensão da publicação do jornal em 1946. A Gazeta só volta a ser editada em 1948. “Este interregno marca, quanto a nós, a transição do jornal para uma nova fase da sua vida: até 1974 a tônica dominante da Gazeta será a síntese ou combinação entre uma renovada tendência regionalista, idêntica a dos primeiros anos da sua vida, e um verniz nacionalista que continua a cobrir as páginas do jornal e que faz com que ele nunca abandone a fidelidade ao regime vigente”, referiu Luís Nuno Rodrigues. Segundo o historiador o jornal converte-se de novo “num instrumento poderoso nas mãos desse sector da elite local que detém o poder político”. De qualquer modo “a poderosa oligarquia local que domina a Gazeta perde o controlo do poder na cidade durante a década de 50”.

Em 1951 a Presidência da Câmara “escapa àqueles que a controlavam habitualmente: o Estado Novo nomeará um homem vindo da capital do Distrito, o leiriense Fernando Pais de Almeida e Silva”. A reacção do partido local faz-se sentir e, em 1956, o Conselho Municipal, órgão local composto pelas personalidades mais importantes da cidade, rejeita as bases do orçamento da Câmara. A Gazeta, que integra elementos do Conselho Municipal,

“move então uma forte campanha contra o presidente da Câmara. Fala-se no índice de deficiência que caracteriza a administração municipal”, em erros de administração” e em inércia e incúria municipal”, conta Luís Nuno Rodrigues. Carlos Saudade e Silva, então subdirector da Gazeta e também membro do Conselho Municipal, “acusa directamente o próprio Governo de abandonar a nossa terra (...) às mãos inábeis e inexperientes (...) de quem não sabe dirigir política e administrativamente os destinos locais, com desprestígio para o Estado Novo”. Segundo o historiador caldense, a intervenção da censura “era inevitável” e o jornal declara que “por motivos de ordem superior, e contrários à nossa von-

***Nos anos 1940,
a publicação da
Gazeta das Caldas foi
interrompida várias
vezes por razões
económicas. O regresso
acontece em 1948 e,
a partir daí, o jornal
garante estabilidade***

tade não podemos publicar a continuação dos comentários aos ofícios camarários”. Luís Nuno explica que o sector da elite local - que controlava o poder municipal - sente-se “usurpado de um cargo que habitualmente era sua pertença e reage violentamente através da imprensa local, que controla, ou melhor, que possui, contra a nomeação de um presidente da Câmara estranho à cidade”. Só em 1960 a

Gazeta respiraria de alívio pois Fernando Pais de Almeida e Silva termina o seu mandato e o periódico caldense formula votos para que o próximo Presidente da Câmara seja caldense. “É-o, de facto: Botelho Moniz, antigo director da Gazeta”, acrescentou o historiador Luís Nuno, acrescentando que o jornal mantém uma posição relativamente crítica “mas que não é feita em tom hostil. Elogia-se, por vezes, o que é bem feito, embora não se deixe de apontar aquilo que é mal feito”, sintetizou Luís Nuno. Este considera que com o advento da Revolução, o jornal inicia nova fase. O 25 de Abril “começa por ser como que abafado das páginas da Gazeta, tal como o havia sido a tentativa frustrada dos militares caldenses a 16 de Março”, contou o historiador que só em maio de 1974 se notam os primeiros indícios da viragem da Gazeta onde se dá a conhecer que “o director deste jornal deu a um representante das forças democráticas caldenses garantias da integração imediata da Gazeta das Caldas no espírito e na acção da Junta de Salvação Nacional”. Carlos Saudade e Silva garantia a introdução no periódico caldense da “estrutura adequada a torná-lo num arauto do povo”. Contudo Saudade e Silva pediu a exoneração do seu cargo à empresa Gazeta das Caldas, proprietária do jornal, que convida para o substituir Adérito Amora. É a partir desta altura que a Gazeta “é definitivamente integrada no processo de democratização em curso no país”, escreveu Luís Nuno Rodrigues.

O título foi adquirido pela recém criada Cooperativa Editorial Caldense, responsável pela publicação. Em maio de 1975, Adérito Amora abandonou a direcção da Gazeta, assumida então pelo actual director José Luís de Almeida Silva, que manterá a mesma linha de orientação do jornal: “a linha amplamente democrática que o nosso jornal vem assumindo desde Maio de 74 não sofre alteração: continuamos a ser uma voz livre, ao serviço do povo e dos trabalhadores do concelho”, rematou.



A sua proteção em boas mãos!

Soluções de seguros para particulares e empresas,
adaptáveis às suas necessidades e realidade.

Rua Prof. Dr. Álvaro Lapa, 3
Lojas A e B
Caldas da Rainha

262 843 107
geral@pedrocustodiosegueros.pt
www.pedrocustodiosegueros.pt

(024)

Algumas das grandes lutas da Gazeta

Por diversas vezes foi este jornal o ponto de ignição para lutas que viriam a beneficiar toda a região. Por Fátima Ferreira

Na sua primeira edição, a 1 de outubro de 1925, Gazeta das Caldas já mostrava ao que vinha: para além de informar, o jornal que agora nascia queria ser também a voz da região e ter um papel activo no seu desenvolvimento e defesa de causas. Na página 3 dessa edição, Fernando Correia assina um artigo onde clama por uma homenagem à rainha D. Leonor, quando passa o quarto centenário da sua morte, destacando o papel da monarca fundadora das Caldas.

Também é nesse momento que avança com um apelo aos seus leitores, para a criação de um lactário – creche – em benefício dos operários caldenses.

A defesa dos ceramistas caldenses e da criação de um Museu da Cerâmica, que inicialmente se veio a concretizar no Museu Malhoa e só após 1974 num museu próprio sediado no Palacete Visconde Sacavém, têm sido causas de luta deste semanário ao longo deste século.

Em 1926 pugnava-se por um monumento ao ceramista Rafael Bordalo Pinheiro e a Gazeta oferecia aos discípulos do mestre as suas páginas e o seu apoio incondicional. Já nessa altura o semanário lutava pela linha férrea entre Peniche/A-da-Gorda/ Caldas /Seitil, que nunca se viria a concretizar, e também pela ligação entre Tomar e a Nazaré.

Em Junho de 1926, na sequência do golpe militar de 28 de Maio, é instituído um regime de censura prévia. Gazeta das Caldas, na sua edição de 27 de Junho, apresenta, pela primeira vez a informação obrigatória “Este número foi visado pela comissão de censura”. Dois anos depois, na edição de 29 de Julho, a primeira página do jornal mostra um desenho do Zé Povinho com a mão na cabeça e a informação de que “Este número foi visado pela Comissão de Censura, em formato exagerado. Provavelmente, o texto

de opinião que cabia naquele espaço tinha sido censurado.

Também nessa edição, Gazeta publica um artigo onde dá conta do mal estar que as suas apreciações causam em Leiria, através da “União Nacional”. Assinado por António Montez, a notícia fala do que falta fazer no distrito, nomeadamente ao nível da assistência, reparação das estradas e protecção às indústrias.

Também nessa época a Gazeta das Caldas está envolvida na criação de um monumento a erigir à fundadora, Rainha D. Leonor. É também este jornal o responsável por uma homenagem ao pintor José Malhoa, através de um desafio lançado pelo jornalista caldense Luiz Teixeira, que entretanto exercia funções profissionais na imprensa lisboeta.

Em 1929, após a atribuição do estatuto de cidade à então vila das Caldas, a Gazeta apoia a pretensão caldense de ver esta então vila integrada no distrito de Lisboa. Uma pretensão que era comum a outros concelhos do sul do distrito, como Peniche, Óbidos e Bombarral, mas que não viria a colher frutos.

No número 351, de Outubro de 1932, o jornal dava conta da desejada criação de



Manifestação contra central nuclear em Ferrel



A Praça da Fruta é tema central para a Gazeta

um liceu caldense, mas que só viria a concretizar-se em finais da década de 1960.

Foi também o jornalista Luiz Teixeira que, a 20 de Setembro de 1938, publicou um artigo na Gazeta das Caldas propondo a criação de uma Biblioteca Pública nas Caldas. A partir de então não se pouparam esforços e, em 1946, com o apoio do então presidente da Câmara, Augusto Saudade e Silva, constituiu-se uma comissão organizadora para concretizar a ideia.

A QUESTÃO DA PRAÇA DA FRUTA NAS PÁGINAS DA GAZETA

Na década de 1950, Luiz Teixeira manifesta-se frontalmente contra o mercado fechado e colhe os apoios das individualidades locais, empresas e muitas figuras nacionais.

Mas já no primeiro número, em 1925, Gazeta das Caldas, apresentava um texto titulado “O Mercado fechado será um facto?”, onde referia que “na montra dos Grandes Armazéns do Chiado tivemos hoje o prazer de admirar o grandioso projecto do novo mercado municipal que a Câmara desta vila projecta construir no centro da chamada Quinta dos Loureiros.” E acrescentava: “Estamos tão habituados a ver projectos como este não passarem... de projectos, que chegamos a recear que este não passe também do papel. Temos, porém, fé no espírito de iniciativa da gente moça que compõe a actual vereação municipal e por isso esperamos que o seu amor às Caldas os leve a não desanimar do seu intento.” O assunto é retomado duas semanas mais tarde, numa entrevista ao Coronel de Artilharia J. A. Ferreira Madail, que referia

que o “mercado aos domingos não deve desaparecer do local onde atualmente se realiza”. E acrescentava: “Este mercado é qualquer coisa de importante, ocupando duas grandes praças, não me parecendo que se possa realizar dentro do âmbito de quatro paredes, por amplo que fosse”. O jornal voltaria ao assunto, por diversas vezes, até que em inícios da década de 1930, o arquiteto Paulino Montez, em entrevista à Gazeta, justificava terem tirado o projeto do mercado fechado dos terrenos junto ao Chafariz das 5 Bicas para o Borlão, onde estava a ser concebido um novo centro para a cidade. Acrescentava que este mercado não poderia ficar “reduzido a um recinto coberto rodeado de barracões para unicamente se lhe aproveitar o rendimento do terrado.” E elencava uma afirmação curiosa: “O mercado das Caldas tem um valor pitoresco e turístico que não deve desaparecer numa terra essencialmente de turismo”. O projeto que propunha para o Borlão previa a abertura de “grandes pátios interiores, onde o Sol entre a jorros e superfícies cobertas onde o movimento do mercado se mostra quanto possível no seu máximo de pitoresco e beleza de cor.”

Até à década de 1950 foram recebidas algumas cartas, que foram publicadas, com opiniões favoráveis ao mercado fechado, mas essa tendência foi-se desvanecendo. Em 1954, a Gazeta das Caldas lançou um inquérito público em que vários leitores apresentaram as suas opiniões, maioritariamente viradas para o mercado fechado. A reviravolta deu-se em inícios de 1955, quando na edição de 25 de janeiro, se antecipa que “no próximo número: O Mercado Fechado

‘melhoramento’ desnecessário – Artigo de Luiz Teixeira”. O jornalista, que colaborava com Gazeta das Caldas defendia desassombradamente: repetindo-o como um “melhoramento” desnecessário”, questão que se mantém atual até hoje, 65 anos depois. Argumentava, depois, que se perguntassem a qualquer visitante as razões que o trazia às Caldas, responderia, talvez como ainda hoje: “As águas, o clima, as árvores e o mercado”. O autor do artigo avalia negativamente as especificidades do mercado fechado, conta o que se passou em várias localidades do país em relação à construção de mercados fechados e, por outro lado, explica o que se faz no estrangeiro. O texto termina com uma pergunta provocatória: “Então não é verdade que a terra precisa de tanta coisa? Responderei apenas: Sim. Precisa de muita coisa. Precisa, por exemplo, de não fazer o mercado fechado...”

A discussão está longe de estar terminada. Ainda recentemente, fruto da situação pandémica, a praça foi transferida provisoriamente para o Pavilhão da Expoeste, e as opiniões voltaram a dividir-se. Por um lado, há quem defenda o conforto possibilitado por uma estrutura física, enquanto que outras vozes defendem a continuidade da Praça no centro da cidade, destacando tratar-se de um dos raros mercados de ar livre em Portugal e um centro nevrálgico do comércio caldense.

Nas décadas de 1960 e parte de 1970, a publicação era bissemanal, tendo inclusive tido sido, nesta última fase, o único bissemanário a ser publicado no distrito. Mas a maior causa em que a Gazeta se envolveu foi a da luta contra a instalação de >>



PH-Arquivo Fotográfico das Caldas da Rainha - Coleção José Neto Pereira

Gazeta participou na homenagem à fundadora da cidade



PH Espólio

Os ceramistas estiveram em destaque ao longo dos anos

uma central nuclear em Ferrel, apoiando a população na resistência a essa ideia.

Em Dezembro de 1975 as suas páginas já alertavam para os perigos destas centrais. Nos anos seguintes as referências ao assunto foram uma constante.

O assunto era de tal modo importante que o jornal organizou, inclusivamente, em março de 1977, um debate na Casa da Cultura sobre a Central Nuclear de Ferrel, e nas suas páginas apelava à união contra a ameaça nuclear. Na Gazeta publicou-se um dossier sobre centrais nucleares e o jornal esteve envolvido na organização do Festival Pela Vida e Contra a Nuclear, que viria a decorrer em janeiro de 1978 e que juntou alguns milhares de pessoas nas Caldas e em Ferrel.

OS ENCONTROS INTERNACIONAIS DE ARTE

Ainda em agosto de 1977, Gazeta das Caldas envolveu-se ativamente nos IV Encontros Internacionais de Arte, fazendo uma ampla cobertura do evento que foi um marco cultural na cidade.

Caldas preparava-se para comemorar os seus 50 anos, quando uma centena de artistas, nacionais e estrangeiros, se reuniram para a realização dos IV Encontros Internacionais de Arte, por toda a cidade. Algumas

das manifestações, mais de vanguarda, chocaram a população local, que ainda vivia os alvares da democracia. Gazeta das Caldas, num momento em que se debatia com problemas de falta de papel e em que as tecnologias ainda não permitiam revelações de fotografias instantâneas ou mesmo a publicação de muitas imagens, apresenta um suplemento de arte, inteiramente dedicado a este evento. Foi coordenado por Egídio Álvaro, que agradecia à Gazeta a possibilidade de “apresentar à população caldensa

A maior causa em que a Gazeta das Caldas se terá envolvido diretamente foi a luta contra a instalação de uma central nuclear em Ferrel, apoiando a população na resistência a essa ideia avançada pelo poder central da época

um panorama daquilo que durante doze dias vai acontecer das propostas nacionais e internacionais que modificarão radicalmente o panorama artístico português”.

Também por essa altura, começou a ganhar forma a homenagem a Raul Proença, caldensa que foi o “primeiro a atacar, num panfleto célebre, a ditadura instalada em 28 de Maio”, refere o jornal da altura. E acrescenta: “se quiserem prestar-lhe a homenagem que merece, deem-lhe o nome a uma biblioteca, a uma escola, a um liceu”.

A atribuição do nome do escritor e jornalista a uma escola viria a acontecer anos mais tarde, já na década de 1980 e quando da comemoração do centenário do seu nascimento.

Outro tema que na Gazeta das Caldas continua a surgir ao longo de todas estas décadas é a defesa das termas caldensas (incluindo o balneário das Águas Santas), e do hospital distrital, por vezes com campanhas “violentas” contra o poder central, mesmo durante o período da ditadura.

Também a defesa da Lagoa de Óbidos e a modernização da Linha do Oeste têm sido bandeiras deste semanário. Os constantes problemas de assoreamento do sistema lagunar e o estado de abandono a que chegou a linha ferroviária que serve o Oeste são recorrentemente tema nas páginas do jornal caldensa.



A discussão sobre a Praça da Fruta na Praça da República, nomeadamente se deve ser um mercado fechado ou manter-se a céu aberto, é muito antiga e motivo de várias notícias no jornal



A luta contra a instalação de uma central nuclear e Ferrel, entre 1976 e 1978, figurou em muitas das páginas do jornal. Aquela forte contestação popular teve o devido eco na Gazeta das Caldas



Em 1977 Gazeta chamava à primeira página os Encontros Internacionais de Arte, que causaram polémica na cidade e que, em certa medida, deram um novo élan à atividade cultural nas Caldas

A Gazeta no digital

Desde o início do milénio que a Gazeta tem também apostado no digital. As notícias podem ser acedidas nas diversas plataformas. Por Fátima Ferreira

Desde 2002 que a Gazeta das Caldas tem presença no online com a criação do seu primeiro site. Desde essa data o sítio electrónico do jornal já foi alvo de duas renovações, a última das quais data de Maio 2016. Na apresentação o novo site é descrito como “mais moderno, dinâmico e interactivo”.

A notícia dava conta que houve também uma modernização da edição impressa, não só com a alteração do grafismo do semanário, como com a aposta em suplementos temáticos.

Sem esquecer o papel, a página de internet também faz a ligação à edição impressa: por exemplo, as cores que identificam as secções noticiosas são as mesmas nos dois formatos.

Paralelamente, foi criada uma loja, na sede do jornal, para promover o trabalho dos artistas da região, criando um ponto de venda.

Ainda em 2009, a Gazeta inaugurava o



atendimento via Skype, uma inovação na altura, que teve por objectivo aproximar o jornal dos seus leitores e assinantes, que desta forma tinham uma maneira de contactar com o seu jornal sem qualquer tipo de custos.

Em 2017 começava a colaboração deste jornal no programa televisivo “Portugal em Directo”, a convite da RTP, com a divulgação das notícias deste semanário. A colaboração extravasou as paredes da Gazeta, com emissões em directo a partir do CCC, do Campo da Mata e da Expoeste, para acompanhar iniciativas relevantes, a nível local e mesmo nacional. No ano seguinte, a equipa da Gazeta começou a dinamizar o projecto “Gazeta em Síntese”, em que anunciava através de um vídeo publicado à sexta-feira nas redes sociais, as principais notícias dessa edição.

Mais recentemente, já em 2020, foi alterado o endereço do jornal caldense. A

página da Internet da Gazeta passou a estar alojada num domínio português (.pt). “Esta mudança faz parte de um conjunto de medidas para reforçar a política online do jornal, com o mesmo objectivo de sempre: melhor servir os leitores e assinantes”, refere a equipa do jornal, quando apresenta esta novidade aos seus leitores.

Gazeta das Caldas passa a estar, assim, num endereço uniformizado com o nome do jornal. “O histórico da relação com os leitores e assinantes não é afectada, uma vez que todos os dados de acesso e o arquivo do site se mantêm inalterados”.

Além do novo endereço, o jornal fez ainda uma mudança nos servidores, de modo a garantir uma melhor capacidade de resposta às exigências do público. “Desta forma, teremos um site mais rápido e, sobretudo, mais estável”, explicam.

E.Leclerc
CALDAS DA RAINHA

Parabéns à Gazeta pelos seus 95 anos!

Prepare-se!

Porque o seu E.E.LECLERC de Caldas da Rainha terá FANTÁSTICAS NOVIDADES para 2021!

Siga-nos no nosso Facebook www.facebook.com/E.Leclerc.Caldas.da.Rainha/

FANTÁSTICAS NOVIDADES PARA 2021!

Histórias de boas impressões da Gazeta

A Gazeta foi também a “escola de vida” de vários tipógrafos. Eis o testemunho de dois desses artífices. Por Fátima Ferreira

João Cascão começou a trabalhar na Gazeta das Caldas em Julho de 1961. Tinha 11 anos, “feitos há 15 dias” e, pouco tempo antes tinha acabado a 4ª classe e queria começar a trabalhar. As primeiras tentativas tinham sido as lojas de comércio, mas a tenra idade tinha-se revelado um impedimento, o que o levou, juntamente com a irmã, a procurar emprego junto do namorado da prima, que trabalhava na Gazeta das Caldas.

Foi admitido para fazer recados mas, se chegava alguém às instalações do jornal, na Rua do Montepio, tinha que se esconder porque não podia ali trabalhar. “Nem conseguia chegar ao balcão, que era alto. Tinha que colocar um caixote debaixo dos pés”, recorda, acrescentando que foi ganhar 5 escudos por dia e recebia seis dias por semana. Nessa al-

tura, fazia diariamente o caminho entre as Gaeiras e as Caldas a pé, juntamente com o pessoal que trabalhava na Secla, que entrava às 8h00 e ele meia hora mais tarde. À saída é que era pior: saíam à mesma hora e João Cascão tinha que correr para os apanhar. Normalmente juntava-se ao grupo na zona do quartel, mas quando se demorava mais num recado tinha que ir sozinho, e de noite era difícil, recorda. Depois começou a aprender a arrumar a “caixa” da tipografia e o ofício, tornando-se tipógrafo do jornal. Na altura tinham que juntar manualmente as letras de chumbo até formar uma linha e, com as várias linhas, faziam as colunas e, depois, a página. A máquina de impressão também não era automática e o papel era colocado manualmente.

Um processo moroso e difícil que, por vezes, também dava azo a erros. Um dos que é recordado com um sorriso nos lábios é o da troca de letras que levou a que num sub-título aparecesse “Animal Correia” em vez de “Anfbal Correia” para se referirem ao responsável local e distrital da União Nacional. Usualmente era assim chamado “à boca pequena” pelos trabalhadores e acabou por ser publicado dessa forma. O erro acabaria por ser descoberto quando o jornal estava a ser dobrado e tiveram que fazer um borrão de tinta para

tapar a palavra em todos os jornais.

Mais tarde foi comprada uma máquina de impressão semi-automática e depois uma outra, de composição, tornando o processo um pouco mais rápido e fácil. “Sem nunca termos tido material topo de gama, as máquinas adquiridas permitiram uma melhoria no aspecto gráfico e nas condições de trabalho dos funcionários”, lembra João Cascão, que trabalhou na Gazeta até 1978. Salienta que o período pós Abril de 1974 foi conturbado e houve alturas em que não havia dinheiro para pagar o salário aos trabalhadores, fruto da instabilidade directiva mas também da falta de publicidade. À procura de melhores condições, o jovem gaeirense foi inscrever-se em vários locais, entre eles a Secla, tendo logo sido chamado para trabalhar e onde se manteria até ao encerramento da empresa caldense, em 2008.

“Felizmente que, com a chegada do Dr. José Luís a diretor, a situação foi estabilizando e o nosso jornal, aos poucos, atingiu o patamar e prestígio que se reconhece e deixa orgulhosos todos aqueles que “vivem” e “sentem” a Gazeta das Caldas”, rematou.

Enquanto trabalhava no jornal começou por ter duas colunas, denominadas “Nótulas Gaeirenses” e depois passou a garantir a página mensal “Gaeirense”, onde divulgava tudo



João Cascão começou a trabalhar na Gazeta aos 11 anos



António Martins tinha 17 anos quando chegou ao jornal

o que era notícia na terra. Lembra inclusive que a Sociedade Filarmónica e Recreativa Gaeirense estava parada há algum tempo quando escreveu “Para quando a ressurreição da Banda das Gaeiras?”, que deu que falar e, passados poucos meses, a colectividade estava reactivada.

Mesmo depois de ter saído da Gazeta continuou a sua colaboração, sobretudo com notícias relacionadas com o desporto.

“TÍNHAMOS QUE FAZER DE TUDO E QUEM NÃO SABIA, APRENDIA”

António Martins começou a trabalhar na tipografia da Gazeta das Caldas em 1967, mais propriamente a 28 de Outubro. Tinha 17 anos e chegava do Porto, das Oficinas S. José (onde aprendera o ofício de tipógrafo) para responder a um pedido do então director, Carlos Saudade e Silva, que precisava de um profissional para o jornal.

Natural do concelho de Peniche, tinha ido aos 12 anos para o colégio interno para aprender uma arte e nunca mais de lá tinha saído, até apanhar o comboio rumo às Caldas.

Recorda que esteve várias horas em Alfarelos à espera e chegou ao destino já passava das 19h00. À sua espera tinha na estação João Camilo, o funcionário da Gazeta que era, simultaneamente, motorista do director, Saudade e Silva. O jovem tipógrafo haveria de ficar na sua casa, num quarto alugado, durante mais de um ano e foi também lá que conheceu a futura esposa, uma jovem que trabalhava num pronto a vestir na cidade.

Na Gazeta António Martins tinha a função de tipógrafo mas, na verdade, fazia tudo o que era necessário. “Compúnhamos, imprimíamos ... tínhamos que fazer de tudo e quem não sabia, aprendia”, recorda o trabalhador que começou por receber 75 escudos, por dia. “Naquela altura era bom dinheiro, o problema foi que depois nunca mais aumentou!”, graceja.

A Gazeta não saía sem o visto da censura. “Havia muita coisa que cortavam, mas o director também já sabia o que podia publicar”, conta o tipógrafo, lembrando que os anos mais difíceis da Gazeta foram vividos logo a seguir ao 25 de Abril de 1974. A instabilidade nos vários domínios da sociedade fez-se sentir no jornal, em que se registaram

inclusivamente dificuldades de pagamento do salário. “Recebíamos à semana e chegávamos a estar duas semanas sem receber, mas também não havia dinheiro, não era por não quererem pagar”, acrescentando que depois “apareceu o Zé Luís [Almeida Silva] e o jornal levou uma volta”.

Este tipógrafo esteve na Gazeta até 1981, altura em que foi para a Gracal – Gráfica Caldense, onde permaneceu durante 31 anos, até se reformar. Esta saída coincidiu com a mudança dos processos de produção do jornal para offset, possibilitando a inserção de fotografias.

Hoje em dia, continua a ler o jornal e confidencia que a primeira coisa que vê é a necrologia. “Acho que é um jornal reconhecido a nível regional e não só”, salienta, destacando que já no seu tempo havia uma grande percentagem de assinantes entre a comunidade emigrante espalhada pelo mundo.

Os antigos trabalhadores destacam, ambos, o espírito de camaradagem que se vivia neste jornal, apesar do trabalho ser bastante o que levava a que, por vezes, tivessem que laborar noite fora.



**Obrigado
Caldas da Rainha
e Região Oeste.**

**mais de meio milhão
de espectadores!**

Espectáculos - 2.304
Congressos e Eventos - 930
Exposições - 114

Mais de 260 eventos partilhados com
as instituições locais e regionais,
colectividades e escolas.

**É tempo de reafirmar parcerias,
de olhar em frente, com determinação e optimismo!**

www.ccc.com.pt

**CENTRO CULTURAL
E CONGRESSOS
CALDAS DA RAINHA**

As “casas” da Gazeta

Conheça as redações onde a Gazeta foi produzida ao longo de quase um século.

Por Isaque Vicente

foi nos Pavilhões do Parque D. Carlos I que se escreveram as primeiras edições da Gazeta das Caldas. Aqueles icónicos edifícios, mandados construir por Rodrigo Berquó nos finais do século XIX, foram a primeira morada do jornal caldense, que era criado em outubro de 1925 e que tinha como nome Gazeta das Caldas.

Com um traçado marcante e vistoso, com pés direitos de seis metros, os pavilhões fazem parte de uma ideia do então administrador do Hospital Termal de ter uma área de lazer que complementasse a excelência das afamadas águas termais caldenses, que atraíam, ano após ano, muitos visitantes. O objetivo seria ter nas Caldas uma das mais modernas estâncias termais da Europa, conseguindo competir com o que de melhor existia então a nível europeu. Só que as obras dos pavilhões nunca foram acabadas. Com a morte de Rodrigo Berquó, um dos setes blocos ficou por construir e, tendo em conta o facto de o orçamento inicial e do prazo da obra já terem sido amplamente ultrapassados, desiste-se desta ideia e os pavilhões são deixados ao abandono.

Mas a falta de ocupação daquele espaço não durou muito tempo e, no início do novo século, os Pavilhões do Parque

receberam os refugiados Boers.

Mais tarde aquele local viria a ser a casa do Regimento de Infantaria nº5, do Batalhão de Ciclistas nº2 e até Escola de Polícia no final dos anos 60. Os pavilhões também já albergaram o Posto de Turismo da cidade, a sede de várias associações (como da associação de artesãos e da Liga dos Combatentes) e até a biblioteca municipal. O último “ocupante” foi a Escola Técnica Empresarial do Oeste, que saiu em 2005 (e não foi o único estabelecimento de ensino que os pavilhões acolheram ao longo da sua vida).

O jornal ganhou vida em diversos espaços emblemáticos da cidade, com redações nos pavilhões do Parque D. Carlos I, na Praça da Fruta ou na Rua do Montepio Rainha D. Leonor

Durante vários meses, a Gazeta foi ali produzida, no local que actualmente foi concessionado pelo Estado ao Grupo Visabeira, que é dono da fábrica Bordalo Pinheiro e que tem um projecto para transformar o conjunto arquitectónico dos pavilhões num hotel de cinco estrelas. O grupo estima que será necessário um investimento a rondar os 15 milhões de euros e

que deverá criar dezenas de postos de trabalho.

Mas voltemos à história das “casas” da Gazeta das Caldas, recuando até à simbólica data de 15 de maio de 1926. Aí aparece na primeira página da Gazeta das Caldas a indicação de que a redação se localizava no 1.º direito do número 17 da Rua Dr. José Barbosa. Era a primeira mudança de localização da redação da Gazeta, menos de um ano após a fundação do jornal regionalista.

Durante mais de dez anos a Gazeta das Caldas é escrita a partir desse mesmo local, que alberga a redação, mas também a administração da empresa.

É a 28 de novembro de 1936 que se regista nova mudança de morada da Gazeta, que assim conhece a sua terceira “casa”, no 1.º andar do número 3 da Rua Chafariz das 5 Bicas, bem próxima do monumento do século XVIII que foi (em conjunto com outros chafarizes) construído para colmatar os problemas de abastecimento de água que se faziam sentir naquela época neste território.

Passaram quase dois anos e o jornal regionalista mudava de casa novamente e regressava para bem perto da sua morada inicial. É que em março de 1938 a morada da Gazeta das Caldas é no 2.º andar do n.º 57 da Rua de Camões, a rua que se localiza em frente ao Parque D. Carlos I.

Durante nove anos o jornal esteve nessa importante artéria da cidade até se mudar novamente, a 18 de janeiro de 1947, para o número 21 da Rua General Queiroz. Aí o periódico ficaria apenas até maio do ano seguinte, seguindo então para a Rua Alexandre Herculano, aí no 1.º andar do número 92.

Na lista de redações da Gazeta seguiu-se, em outubro de 1949 - quando o jornal cele-



GRUPO FÁBRICA

CONTABILIDADE | INFORMÁTICA | SEGUROS | CONDOMÍNIOS | OBRAS e SERVIÇOS

262 837 840 | WWW.GRUPOFABRICA.COM

LISBOA - CALDAS DA RAINHA - PORTO

Dos Pavilhões do Parque até à Rua Raul Proença

A primeira redação da Gazeta das Caldas localizava-se nos pavilhões do parque (**em cima à esquerda**), mas já nos anos 70 o jornal passou para a Rua Raul Proença, onde se mantém até hoje. Nessa rua o jornal esteve primeiro numa pequena casa de rés-do-chão e sótão (**em cima à direita**) e depois no prédio que se ergueu no mesmo local (**em baixo**). Os serviços comerciais e de atendimento ao público estão no rés-do-chão e a redação e serviços gráficos no 1.º andar



brava o seu 24º aniversário - um espaço na Praça da Fruta. A Gazeta das Caldas apresentava nesse ano como morada o 1.º andar do número 35 da Praça da República. Essa localização, no entanto, não viria a durar muito tempo e pouco mais de um ano depois, a 17 de novembro de 1950, o cabeçalho do jornal apresenta aos seus leitores uma nova casa, com uma mudança da Praça da Fruta para a Rua Dr. Leão Azedo, junto à Rodoviária.

Na Rua Dr. Leão Azedo a Gazeta das Caldas ficava no número 18. Durante uma década a redação do jornal caldense foi nessa rua, até se mudar no início de 1960 para bem perto, para o 3A e 3B da Rua do Montepio Rainha D. Leonor. Esse espaço, que está na memória de alguns caldenses, foi a sede desta publicação durante alguns anos e o primeiro local com oficinas próprias, assegurando todo o processo de produção do jornal.

Em 1968 há registo das oficinas tipográficas da Gazeta na Rua Fonte do Pinheiro, nos números 3 e 5. Curiosamente essa localização já corresponde à actual, junto à Avenida 1.º de Maio, uma vez que, com a urbanização da zona, essa artéria viria a chamar-se Rua General Santos Costa, daí que o registo da Gazeta apresente, três anos mais tarde, como morada essa rua. Depois do 25 de Abril a mes-

ma artéria mudou de nome e passa a ser a Rua Raul Proença, mantendo os números 3 e 5.

É assim possível concluir que a Gazeta das Caldas já conheceu várias moradas e que já esteve instalada na maioria das principais artérias da sua cidade. A morada na Rua Raul Proença é aquela que mais anos persiste e até já atravessou duas mudanças de nome de rua e uma mudança de edifício.

Antigamente, quando a sede do periódico passou para esta localização, tinha uma pequena casa de rés-do-chão, com os números 3 e 5. Em volta dessa pequena habitação não havia nada. Hoje o cenário é completamente diferente: no local dessa pequena moradia térrea, ergueu-se um prédio de três andares, rodeado por vários outros prédios, alguns mais altos. Atualmente o jornal tem a secção comercial e o setor administrativo no rés-do-chão do prédio, com o número 56-C, juntamente com uma sala de reuniões, onde está guardada a coleção de edições antigas do jornal.

A redação e a paginação da Gazeta das Caldas situam-se, agora, no 1.º andar do mesmo edifício, num apartamento com duas salas e uma casa-de-banho que, antigamente, chegou a ser utilizada como estúdio fotográfico, quando ainda era necessário revelar os rolos com as fotografias feitas pelas máquinas analógicas...

Estas novas instalações remontam a julho de 1989 e foram recentemente renovadas, permitindo uma melhor organização e arrumação do espaço e dando um ar mais moderno à loja e ao balcão principal.

Nestas obras foram utilizados alguns elementos identitários na decoração, como por exemplo candeeiros feitos com jornais antigos. O hábito de ter o jornal na montra mantém-se, mas adaptado aos tempos de hoje, com uma televisão a mostrar o passar das páginas.

AS DOZE CASAS DA GAZETA DAS CALDAS EM 95 ANOS

O leitor ficou, assim, a conhecer as 11 “casas” que a Gazeta das Caldas teve nestes 95 anos e onde se ajudou a escrever a história da região no último século.

Ficou apenas a faltar contar que, durante a construção deste prédio onde hoje se encontra a Gazeta das Caldas, a produção do jornal, obviamente, nunca parou. Deste modo, entre janeiro de 1986 e julho de 1989 a Gazeta foi conhecer mais uma morada, que, ainda que provisória, foi a 12ª neste período, quando a redação da Gazeta das Caldas esteve no rés-do-chão do número 20 da Rua do Jasmim.

O “Zé” da Gazeta

O mais antigo colaborador do jornal chegou à Gazeta com 12 anos. Fez um pouco de tudo. E assim espera continuar.

Por Joaquim Paulo

É difícil encontrar alguém nas Caldas que não conheça o “Zé” da Gazeta, tal a popularidade do mais antigo colaborador do jornal, onde já fez “de tudo um pouco”. E escrever, claro está. Há décadas que é o editor do desporto, apesar de assumir que não é jornalista. “Costumo dizer que sou um curioso do jornalismo”, explica José Alberto Campos, que, aos 60 anos, espera “continuar por muito mais tempo” a servir o jornal de sempre.

A relação do “Zé” com a Gazeta iniciou-se aos 12 anos. Pouco “virado” para uma vida na agricultura, decidiu responder a um anúncio de emprego no jornal para uma vaga de paquete. Na companhia da irmã, Teresa, abalou dos Vidais para “tentar a sorte” no jornal a 24 de novembro de 1972, uma sexta-feira. Três dias depois, apresentou-se ao serviço e nunca mais deixou de colaborar no jornal, mesmo quando enveredou pelo profissionalismo no Exército.

“Comecei por fazer recados e ensacava os jornais. Isto durante as manhãs. De tarde era disputado pela tipografia do jornal, onde tinha a missão de repor as letras nas caixas para compor as notícias”, recorda o homem



José Alberto Campos é conhecido no concelho como uma das “caras” do jornal

Pub.

Rebelos & Nunes

- AQUECIMENTO CENTRAL
 - Radiadores
 - Piso radiante a água
 - Caldeiras a gás, gasóleo e lenha
 - Bombas de calor ar/água
- SISTEMAS SOLARES
- AR CONDICIONADO
- ASSISTÊNCIA TÉCNICA

www.rebelosenunes.com
 Telefone: 262 877 496
 Av. General Pedro Cardoso, n.º2 r/c dto. Caldas da Rainha (009)

Pub.

A União das Freguesias de Caldas da Rainha, Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório felicita a

Gazeta das Caldas

pelo seu 95º aniversário

FREGUESIA CALDAS DA RAINHA
 N.º 51 DO PÓPULO
 COTO E S. GREGÓRIO

“A imprensa é o dever da verdade”
 - Rui Barbosa

(020)



que chegou a “carregar às costas mais de mil Gazetas para deixar nos correios”. “O jornal era dobrado e tinha de levar os exemplares destinados ao estrangeiro antes das 18h00. Os jornais para as Caldas podiam seguir depois das 18h00”, relembra o paquete, que trabalhava, então, num bissemanário, com data de publicação às terças e sábados.

No jornal e na tipografia, que era propriedade da Gazeta, conheceu pessoas que o marcaram. “Na redação era o braço direito do sr. João Camilo. E na tipografia trabalhei com Joaquim Nunes, Adelino Tomás, João Cascão, Joaquim Raimundo e António José

***Entrou aos 12 anos
como paquete e nunca
deixou de ter ligação ao
jornal, mesmo com uma
carreira no Exército,
pois acumulou funções.
Assume que não é
jornalista, mas um
“curioso do jornalismo”***

Martins, com quem aprendi muito”, evoca José Alberto Campos, que tinha, entre outras, a importante missão de entregar as provas na censura. “Era um trabalho que me dava grande gozo, porque, como se costuma dizer, andava sempre a cirandar”, explica.

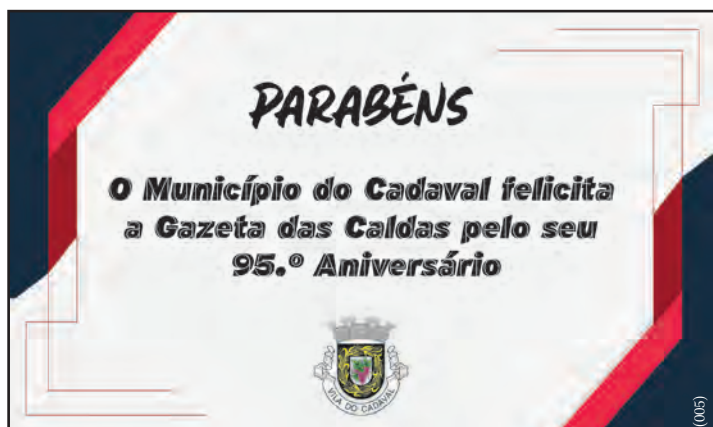
Chega, então, o 25 de Abril e o rapaz que trabalhava no jornal viu a história aconte-

cer. “No 16 de Março vi as tropas na cidade, peguei na bicicleta e segui os militares, mas não pude passar do quartel. Só mais tarde percebi o que acontecera nesse dia”, assume o homem que, anos depois, se tornará militar.

Com a revolução, dá-se uma mudança profunda na Gazeta. Em 1975 é criada a Cooperativa Editorial Caldense, com o equipamento a ser vendido e o jornal a ser impresso em gráficas da região. José Alberto Campos mantém-se e assiste à entrada do diretor José Luís Almeida e Silva, que o convence a “estudar à noite”. “Consegui conciliar tudo, completei os estudos e assisti ao crescimento e afirmação do jornal, com o surgimento de jornalistas. Até aí, o jornal vivia apenas dos correspondentes e dos colaboradores”, explica.

Quando chega a hora de cumprir o serviço militar, no Exército, mantém a ligação à Gazeta. “Estive na tropa em Tomar e recordo-me de ter feito a reportagem de um U. Tomar-Caldas, que o Caldas venceu por 1-0, com um golo do Pombo e de sair a correr do estádio para ir para o quartel escrever”, relembra. Enquanto esteve em Tomar, tirava as segundas-feiras para “recolher os resultados” e enviar para a redação. “Sempre com autorização superior”. Aos 23 anos, conseguiu colocação no quartel das Caldas e mais uma proeza: autorização para acumular o trabalho no Exército com a Gazeta. Assim continuou até entrar na idade de reforma, em 2003, quando se dedicou em exclusivo ao jornal.

“Em todo o lado sou conhecido devido à Gazeta e isso é muito reconfortante, porque sinto que o trabalho foi reconhecido. Espero assim continuar por muito tempo”, remata o “Zé” da Gazeta.





Da esquerda para a direita: Joaquim Paulo, José Albertos Campos, Joel Ribeiro, Alda Bernardino, Carina Querido, Sara Lopes, José Luís Almeida Silva, Fátima Ferreira, Beatriz Vicente, Fátima Almeida, Carlos Reis, Natacha Narciso e Isaque Vicente





Temas da edição são discutidos em reunião de redação



Entrevistas fazem parte do dia a dia dos jornalistas

Da notícia ao papel: como se faz a Gazeta

Para que todas as semanas as notícias cheguem a casa dos leitores, há uma equipa, que não se esgota nos jornalistas, que trabalha todas as semanas, num ciclo contínuo. É assim que fazemos a sua Gazeta.
Por Joel Ribeiro

É quarta-feira de manhã e a equipa de jornalistas e gráficos da Gazeta das Caldas está reunida na redação, depois de cumprido com sucesso mais um fecho de edição na noite anterior.

Fala-se desse fecho, do que correu bem, ou do que possa ter corrido menos bem, mas a reunião de redação é importante, sobretudo, para começar a preparar a edição seguinte.

A grande permissão de um jornal é que a mis-

são nunca está cumprida. O mundo não pára e a necessidade de informar também não, mas as notícias do dia-a-dia não são suficientes para dar ao leitor um produto de qualidade, que valha a pena comprar, ou assinar, principalmente numa época em que a informação está mais acessível do que nunca.

A reunião de redação serve para esse propósito. O produto final que vamos apresentar aos leitores daí a uma semana e meia deve ter um equilíbrio entre os assuntos de agenda - aqueles acontecimentos que fazem parte da vida da comunidade - e as histórias que estão muitas vezes escondidas desses acontecimentos, ou dentro da própria comunidade.

É, então, preciso decidir quais os acontecimentos de agenda que vale a pena seguir, por terem relevo, ou por constituírem, de alguma forma, novidade.

Esse ponto de equilíbrio é conseguido com apresentação e debate de ideias. Num jornal regional que é generalista, os jornalistas têm de fazer um pouco de tudo, mas cada membro da equipa - composta por quatro jornalistas e o diretor-adjunto - tem áreas em que domina de forma mais especializada, contribuindo para a diversidade dos temas que são apresentados semanalmente. É também nesta fase que se define quem faz cada trabalho. É importante que cada secção do jornal fique

garantida. Ao mesmo tempo que se pretara a edição impressa, que é a grande bandeira do jornal, é também necessário assegurar que o site e as redes sociais são alimentados com notícias regulares ao longo do dia, respondendo à necessidade de informar no momento.

Além dos jornalistas, a reunião de redação inclui a presença da equipa de paginação - composta por dois profissionais - de modo a que se comece a articular desde o início do processo o conteúdo com a forma em que é apresentado, mas também com a mancha reservada à publicidade - nesta altura ainda presumível.

Desta reunião sai o plano da edição, o primeiro esboço que servirá de guia para a semana de trabalho. Um plano que é tão estante quanto a vida da própria comunidade. Ao longo da semana o plano vai sofrer, forçosamente, alterações, porque o inesperado acontece e... é notícia.

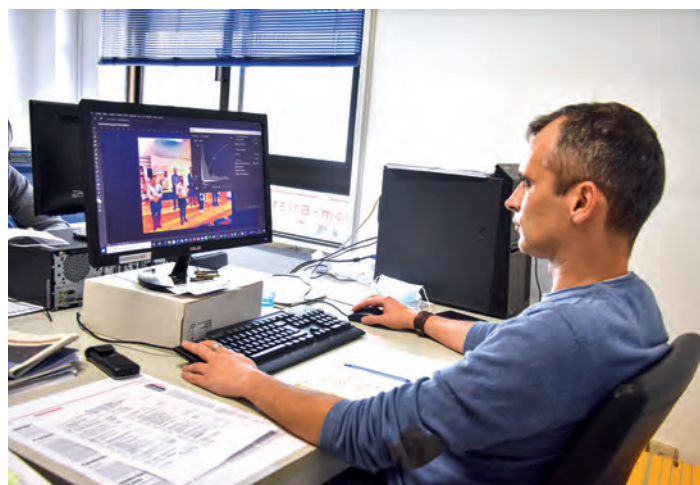
DAS PALAVRAS AOS ATOS... E NOVAMENTE ÀS PALAVRAS

Definido o esboço do que será a próxima edição da Gazeta das Caldas é preciso passar das palavras aos atos.

Até sexta-feira, inclusivé, há um conjunto de tarefas que é necessário fazer. Há contactos a fazer, entrevistas para marcar, que



Após a recolha do material, é momento de escrever as peças



Gráficos ultimam pormenores nas páginas

preferencialmente são agendados para estes dias, de modo a evitar o fim-de-semana, em que os trabalhos de agenda - acontecimentos, eventos sociais, culturais e desportivos - dominam a disponibilidade dos jornalistas, e a evitar igualmente a segunda e terça-feira, dias em que a azáfama da escrita e edição de textos, escolha e edição de fotografias e o fechar das páginas são as principais prio-

ridades dos jornalistas da casa, além de ter que haver tempo para cobrir algum imprevisto, que tem que estar sempre presente.

Depois de passar das palavras aos atos, de fazer o trabalho de pesquisa, as entrevistas, ou a cobertura de eventos, é altura de passar tudo, de novo, para as palavras e construir as notícias e reportagens que preenchem o jornal.

Para isso, já entraram em cena os paginadores. Num trabalho conjunto com a redacção, mas com espaço para a criatividade dos designers, o conteúdo e a forma aliam-se para criar o esqueleto das páginas e como serão preenchidas pelo texto e pelas imagens.

Esse esqueleto permite que os textos sejam redigidos de acordo com o espaço >>

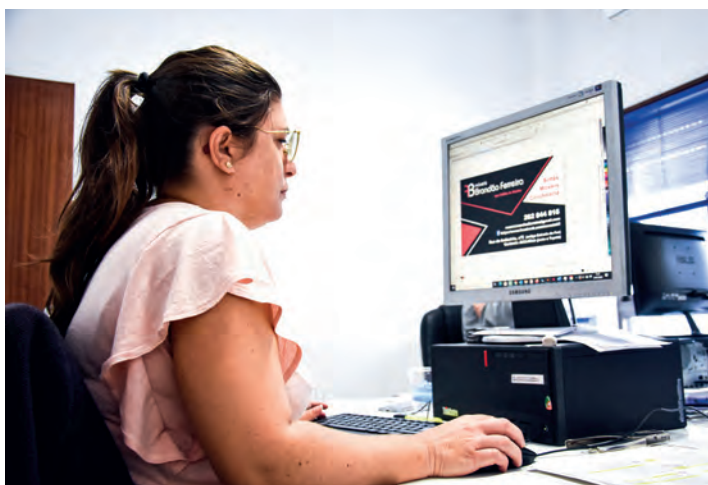


Combustíveis
 Eficiência Energética
 Tecnologias
 Comunicações

Automoveis e Rent-a-car
 Oficinas
 Mediação de Seguros

Tel.: 262 839 400 Siga-nos: www.ajulio.pt

AJULIO
 Grupo
 Ao Ritmo
 do Futuro



O tratamento da publicidade é um aspeto essencial

disponível, de modo a que o trabalho tenha a dose certa de informação.

A PUBLICIDADE

Mas nem só de notícias se faz um jornal. A publicidade assume uma importância tripartida. É-o para o jornal, por se tratar de uma fonte de receita sem a qual a operacionalidade ficaria em causa. Mas também

o é para os anunciantes, sejam empresas ou entidades públicas ou privadas, que divulgam os seus produtos e serviços nas páginas do jornal. E para os leitores, que têm uma apresentação desses mesmos produtos ou serviços, mas também as ofertas de emprego e a necrologia, ainda hoje uma das secções do jornal mais lidas.

O processo é idêntico ao das notícias. Há objectivos definidos entre a direção da Co-



O trabalho comercial faz-se de várias formas

perativa Editorial Caldense, proprietária da Gazeta das Caldas, e o departamento comercial, composto por duas profissionais. É feita prospeção de clientes, além da publicidade que é colocada ao balcão. Apesar de redação e departamento comercial funcionarem de forma independente, não deixa de haver coordenação entre ambos, sobretudo no que toca à preparação de suplementos e especiais, nos quais os produtos publicidade e conteúdo

**ESCOLA TÉCNICA
EMPRESARIAL DO OESTE**

1990-2020

30 ANOS
ao serviço do
ENSINO PROFISSIONAL

Rua Cidade de Abrantes, n.º 8 — 2500-146 Caldas da Rainha
Tel. 262 842 247 | www.eteo-apepo.com | geral@eteo-apepo.com

Pub



Gestão de assinaturas é fulcral num jornal regional



A loja da Gazeta é a face do jornal para o público

informativo versam sobre o mesmo tema.

Também a publicidade passa pela paginação e design, não só para integração com o conteúdo do jornal, como na concepção gráfica de alguns dos anúncios, serviço que a Gazeta também presta aos seus clientes.

Com um papel menos visível no resultado final do jornal, mas igualmente importante no seu funcionamento, está a secção administrativa e a frente de loja, composto por

duas profissionais. Este departamento é responsável pela gestão burocrática e pelo atendimento directo do público, não só dos anunciantes e dos assinantes - importante activo do jornal - mas também da nossa loja, onde se podem adquirir livros e cerâmica de autores locais.

Toda a equipa trabalha de forma independente, mas articulada, de modo a que, no fim de produzido e maquetado todo o conteúdo

informativo e publicitário, o jornal siga para impressão, actualmente realizada na Nave-printer, na Maia. Daí é transportado para as Caldas da Rainha para ser distribuído para as bancas ou para os CTT, de modo a que possa chegar até si à quinta-feira.

Nessa altura, já os 11 profissionais da Gazeta das Caldas estão, novamente, a repetir todo este ciclo que dura há 95 anos e que nunca vai ficar completo.

**A nossa frota, a sua mercadoria...
uma parceria de valor!**

Confie a sua mercadoria à nossa logística...

📍 Rua Inácio Perdigão, nº 13 - Zona Industrial - 2500-755 Caldas da Rainha - Portugal

📞 +351 262 877 248 ✉️ mail@transwhite.com 🌐 www.transwhite.com

A publicidade nas primeiras Gazetas

Recorde alguns dos mais curiosos anúncios publicados na Gazeta.

Por **Isaque Vicente**

Uma análise à publicidade nos primeiros números da Gazeta das Caldas permite, de imediato, ter uma percepção acerca da realidade que a então efervescente vila termal vivia nos anos de 1925 e 1926 e que viriam a culminar na elevação das Caldas a cidade, no ano seguinte.

Logo no primeiro número há uma página inteira dedicada a anúncios onde se pode perceber a grande diversidade de bens e serviços que nas Caldas se poderia encontrar. Disso são exemplo as companhias de seguros (Iris, Mutualidade Portuguesa e Garantias, Mundial e Paz), as mercearias (Frias&Gonçalves, Lda e A.S. Santos), as lojas de fazendas (João Serafim Moreira e Herdade&Costa), mas também os anúncios de dois solicitadores (Carlos Silva e António Leitão) e da casa de moda (Almeida&Faria).

Outra realidade que fica bem patente é a identidade hospitaleira que sempre marcou as Caldas da Rainha, com três anúncios de hotéis logo na primeira edição. O Hotel Central, que era “o mais próximo das Termas” e o Hotel Rosa, que estava “aberto todo o ano”, ambos nas vila termal. Mas também há um curioso anúncio de um tal de Hotel Urbano, em Huelva, porque era “o preferido pela colónia portuguesa”.

Também nesta primeira edição há um curioso anúncio do estabelecimento A Primorosa, que se localizava nas Caldas e que anuncia o seguinte: “Quereis bom pão-de-ló? Visitas A

Primorosa pois é a única casa que tem o verdadeiro Pão-de-Ló de Alfeizerão”. Este anúncio demonstra já uma mensagem claramente estudada, tanto ao nível do discurso textual, como também do próprio grafismo, com o tamanho e o tipo de letras a realçar a mensagem mais importante (Quereis bom pão-de-ló? A Primorosa e Pão-de-ló de Alfeizerão). O anúncio continua: “tem também um belo sortimento de pastelaria, confeitaria, vinhos sinos, licore e artigos de papelaria. Café - lote da casa; Cerveja Pilsener das fábricas Portuguesa e Estrela”. E termina com um interessante: “A preços de combate”.

Os primeiros números repetem vários dos anunciantes, mas também vão adicionando



A primeira página de publicidade da Gazeta, a 1 de Outubro de 1925

outros, como uma modista de chapéus, um depósito de madeiras e uma oficina de marcenaria, fanqueiros e retroseiros e alfaiates. Ainda em outubro de 1925 anuncia-se pela primeira vez a venda de automóveis na Gazeta das Caldas, através do representante em Leiria da Ford, que vendia “carros de turismo e camionetes”. No número seguinte um particular, também em Leiria, vende o seu Chevrolet de 1925 em “estado novo”.

Entre produtores de vinhos, sapatarias, pastelarias e restaurantes (Flor do Liz, restaurant Aliança e o chalet restaurant Gare), casas bancárias (de Martins Pereira e de Saudade e Silva), e alojamentos (pensão hotel Cautelas), encontramos um anúncio da loja de fazendas de António Castanheira na Praça da Fruta, um estabelecimento que ainda hoje está aberto dentro do mesmo ramo, mas com outro nome. Apresentava-se aos leitores como “O estabelecimento que vende mais barato e que melhor sortido tem”. Outro anúncio curioso é da Casa das Gaeiras, que ainda hoje existe. Na altura vendia, além de vinhos, “bezerros mirandeses, poldros, muttano, lenhas, matto e ceriaes” e tinha “cinco caldeiras de destilação”. A farmácia Central também anunciava, assim como o Thomaz dos Santos, já em 1928.

Mas os anúncios mais elaborados no início da Gazeta são os da Vacuum Oil Company, que vendia fogões e aquecedores. São os únicos que apresentam desenhos, sempre com mensagens bastante directas para as mulheres de então, associando o produto à mulher moderna. Estes anúncios seriam pagos, provavelmente, por Paulino Montez, que importava esta marca e que então vendia também máquinas de costura e sabões, tendo ainda uma oficina de automóveis.

Uma última curiosidade são os rádio-anúncios, uma série de pequenos anúncios, com pouco texto, publicados em coluna. Na... Gazeta das Caldas.



Rubricas do passado que fizeram história na Gazeta das Caldas

Recorde algumas das mais famosas colunas que fizeram história nas páginas da Gazeta das Caldas. Por **Isaque Vicente**

Zé Povinho é talvez a rubrica mais famosa da Gazeta das Caldas na atualidade e aquela que mais curiosidade atrai junto dos leitores. Zé Povinho, enquanto rubrica, entenda-se, nasceu já nos anos 90 do século passado e nunca foi assinada por ninguém. O Zé Povinho pretende dar a conhecer a visão de um qualquer cidadão sobre determinado tema e daí a escolha por esta personagem de Bordalo Pinheiro que representa o povo. O objectivo é destacar uma personalidade ou entidade que tenha feito algo de positivo e responsabilizar outra por algo de negativo ocorrido naquela semana.

Mas já nos anos 80 havia uma rubrica intitulada “O Que Diz o Zé”, que apresentava esta veia contestatária e crítica, também presente, por exemplo no “Espião Urbano” e no “Submarino Amarelo”. Também nessa altura existiam os “Aplausos e Assobios”, que cumpria precisamente esta função de destacar,



pela positiva e pela negativa, algum facto ou personalidade.

Mas o Zé Povinho é apenas uma das mais conhecidas e é, tendo em conta a história do jornal, bastante recente, assim como, por exemplo, os cartoons de Bruno Prates ou as crónicas da escritora Isabel Castanheira. Da história mais recente ficam na memória também, por exemplo, os excertos partilhados pelo juiz desembargador e escritor de Salir de Matos, Carlos Querido. Uma das rubricas com maior longevidade é a análise de livros de José do Carmo Francisco, que ainda se mantém.

Mas há outras rubricas a que os leitores da Gazeta tinham acesso nas páginas do seu jornal e que fazem parte da memória caldense, como os perfis de Leonel Cardoso, que

nas décadas de 60 e 70 do século passado deixaram uma marca, o “Canto do Galo”, de Amílcar Figueiredo ou “As Pratas da Casa”. Já na década de 70 surgem os “Casos ou Acaso”, de Domingos D’El Rio e, depois, a rubrica “Pela Vida”. Mais tarde, “Deitar Contas” e “Continuação”, de João Bonifácio Serra também fizeram história, assim como “Recordando” de Ernesto Moreira ou as “Crónicas da Aldeia”, de Nobre Ferreira. “As tristezas da nossa terra”, de Rosa Maria, a “Proposta de uma imagem”, de Vasco Trancoso e a “Imagem” de Valter Vinagre, também se eternizaram na memória caldense, assim como “Histórias de Vida”, de Carla Tomás, “À Volta das Termas”, de Jorge Mangorinha ou as “Memórias Vivas”, de Costa e Silva, entre tantas outras.

Pub.

móveis
Brandão Ferreira
nas Caldas da Rainha

Sofás
Móveis
Colchoaria

262 844 816
moveisbrandaoferreira@gmail.com
<https://www.facebook.com/moveisbf/>
Rua da Indústria, nº2 (antiga Estrada da Foz)
Variante Atlântica (junto à Toyota)

Pub.

Lacerda Dias & Associados
sociedade de advogados R.L.

Nós continuamos cá por si,
através dos seguintes contactos preferenciais:
Tel.: 262 889160
E-mail: geral@lacerdadias-associados.pt

CONTEM CONNOSCO!

A paixão pelos Jornais

A paixão pelos “Jornais” acompanhou-me, desde muito novo. Jovem adolescente guardava recortes de jornais numa velha mala de viagem.

Com 22 anos, cinco anos depois de Abril, frequentei um curso de jornalismo ministrado pelo Afonso Praça e Alexandre Manuel e pouco tempo depois, já fazia parte da redacção do “Processo-Zero”, tendo, mais tarde, sido Director-Adjunto.

Em Dezembro de 1977 fez-se uma edição especial dos vinte anos, com a participação de Ribeiro Mendes e Rui Cunha, Manuela Eanes, Comissário Europeu Padraig Flynn, Maria de Lourdes Pintassilgo, Maria José Nogueira Pinto, Barbosa de Oliveira, Vieira de Castro, João Amaral, Pedro Cid, Correia de Campos, Boaventura Sousa Santos, Alfredo Bruto da Costa, Ferro Rodrigues, Edgar Correia, Padre Vítor Melícias, Luís Filipe Pereira, Vítor Vasques, Bagão Félix, António Capinha e muitos outros, e fechava a revista Mário Soares.

Esse projecto resistiu enquanto pôde. Os problemas eram os mesmos de hoje, independência editorial e económica.

Os desafios da Gazeta das Caldas são os mesmos.

Por isso, teremos de fazer um esforço, para se chegar, para já, aos cem anos.

A Gazeta das Caldas merece. E nós também!.

Jacinto Gameiro



Duas irmãs

Com apenas dois anos, a Gazeta das Caldas viu a sua terra tornar-se cidade. Depois cresceram juntas. A Gazeta tornou-se num jornal de referência e as Caldas da Rainha afirmou-se como a capital do Oeste. Como duas irmãs, sempre se apoiaram, incentivaram-se e, quando assim tinha de ser, criticaram-se uma à outra. Agora, à beira do centenário, num mundo virado do avesso por causa da pandemia da covid-19, ambas enfrentam grandes desafios.

A Gazeta das Caldas confronta-se com os novos media que pululam no mundo digital e que parecem querer dispensar a intermediação dos jornalistas. Depois de 95 anos a informar os caldenses, importa destacar esse direito, que é de todos nós, de sermos informados. Essa informação, que se quer atual, completa e verdadeira, só nos é assegurada com o trabalho independente dos jornalistas. Para garantir esse nosso direito, sustento da própria democracia, a Gazeta não pode vacilar.

Já a cidade das Caldas da Rainha sofre algumas dores de crescimento. As ruas estão a ficar modernas, dando primazia às pessoas e terminando a ditadura do automóvel. Depois de décadas em que as nossas ruas foram invadidas pelos carros que não deixavam espaço para as pessoas viverem a sua cidade, existe agora um esforço para se atingir o desejado equilíbrio.

Que as duas irmãs, na sua juventude quase centenária, se mantenham firmes nos seus trajetos. Só assim se antevê um grande futuro para a Gazeta e para as Caldas.



O preço, o custo e o valor

Todo o empreendimento humano tem um preço - montante pecuniário delimitado pelas obscuras leis do mercado - que define o custo da sua transação comercial. O preço é um dado objectivo, uma apreciação quantitativa, calculável, categórica. À pergunta: quanto custa? Responde-se: Custa xis.

Imagino que a Gazeta das Caldas tenha um preço, embora não saiba qual é.

Diferente do preço, é o valor - apreciação qualitativa, subjectiva, vaga e imprecisa - que, todavia, traduz a fecunda relação do indivíduo com a obra. À pergunta: quanto vale a Gazeta das Caldas? O que responder?

A Gazeta, no seu percurso quase centenário, cujo início antecede no tempo a elevação de Caldas a cidade, tem um valor que nenhum preço pode expressar, não só por ter assumido, como nenhuma outra instituição, o papel de fio condutor da memória da cidade, mas por ter participado de forma indelével enquanto força viva na construção dessa memória, num movimento dual que parece fundi-las numa mesma entidade.

E é por tudo isto, que a comunidade, honrando gerações sucessivas de trabalhadores e colaboradores que deram corpo ao que hoje não tem preço, deve - a qualquer custo - tratar de levar adiante este valioso património e transmiti-lo incólume às gerações futuras.

Conceição Henriques



digit

Através da tecnologia, serviços e processos de gestão documental, estamos no centro das empresas, proporcionando aos nossos clientes a liberdade para se centrarem no que mais interessa:

o seu verdadeiro negócio.

www.digit.pt

O SEU CONCESSIONÁRIO XEROX DE CONFIANÇA

xerox
SILVER
Concessionário Autorizado

20
20º ANIVERSÁRIO

(023)

Do corpo saudável ao formatado

Pediu-me o José Luís que escrevesse um texto sobre os 95 anos da Gazeta já que faria sentido regressar nesta efeméride ao contacto com os leitores do jornal.

Não sei bem que fazer, que escrever? No meio da orgia mono-temática que por aí anda com a pandemia é difícil chamar a atenção para algo que lhe escape.

Seria uma frivolidade, estamos perante um exemplo extremo do que Michel Foucault apelidou de biopolítica - à norma covid ninguém escapa.

O que vinha sucedendo com o fumar, o sexo depois da SIDA, ampliou-se com a norma covid.

A tua saúde é um projecto estatal, o teu corpo é gerido por forças alheias.

A liberdade individual extinguiu-se.

À imposição do corpo saudável junta-se a da formatação do corpo em ginásio ou na cirurgia.

Muda-se de nariz, de cu, de mamas, de barriga, não se bebe álcool, não se fuma, atenção às gorduras, às carnes vermelhas, morte ao sarrabulho, à carne de alguidar, etc., a tudo o que a cozinha tinha de identitário.

O espectáculo é a nova religião das massas, pelo menos desde que Guy Debord o clarificou na sua *A sociedade do espectáculo e nos seus Commentaires*.

Não nos resta senão um horizonte dietético e estar de joelhos diante do corpo publicitado.

Fernando Mora Ramos



Gazeta - ter razão antes do tempo

A Gazeta acompanhou a minha vida como caldense e ambientalista. Gostaria de lembrar a campanha contra a central nuclear de Ferrel (1976/1978) em que a Gazeta teve um papel determinante.

Esta luta conseguiu impedir este projeto promovido por iluminados que pretendiam “modernizar” o país.

Na altura era muito novo para me envolver, mas esta luta inspirou-me e outros a combater o Plano Energético Nacional de 1985 quando nos quiseram impor 5 centrais nucleares. Foi uma luta desigual (havia pelo menos 5 Ministros pró-nuclear) mas esta investida foi travada.

A história deu-nos razão com os muitos acidentes, o eterno problema dos resíduos nucleares e os custos monumentais de construção e funcionamento. A França, referência nesta área, decidiu reduzir a sua dependência do nuclear em 50% até 2035.

As novas centrais nucleares na Finlândia, apontadas como exemplo por um novo grupo de iluminados, em 2010, sofreram atrasos significativos e aumentos de custos gigantescos.

Na altura não era fácil defender estas causas e outras ligadas ao ambiente que a Gazeta promoveu. Os ambientalistas eram vistos como obscurantistas e inimigos do progresso. Felizmente muito mudou na consciência ambiental (talvez tarde de mais) e a Gazeta deu o seu contributo. Parabéns!



Paulo Lemos

Coiratos, ainda

Agradecendo, aproveito o convite da Gazeta, que muito de lisonjeou, para partilhar algumas notas sobre o desalento que é ver a minha Cidade entregue a esta “normalidade” e, no final, sugerir uma proposta revolucionária.

O programa Jardins Históricos, ao apresentar doces típicos das Caldas, acrescentou que é possível comprar essas “especialidades” em qualquer área de serviço. Não vale a pena vir a Caldas pela sua doçaria, pode comprá-la em Portimão ou em Macedo.



Quando noticiou o Falu (festival qualquer coisa de arte urbana - nem me vou deter na originalidade do nome!) a Gazeta referiu que Caldas repetia a experiência de Leiria, posso acrescentar, além de Leiria, uma lista extensa de cidades por esse mundo fora com intervenções semelhantes. Sem demérito para a excelência das obras, mas se queríamos ser notícia a pintar paredes deveríamos tê-lo feito quando era novidade, talvez há 15 anos atrás.

Em contrapartida a proposta Virtus Aquae, com carácter cultural fortemente distintivo, parece ter ficado na gaveta.

Mas deixo uma ideia para que mostremos, como Concelho, um posicionamento de vanguarda. Implementar em Caldas um conceito que, do Japão, está a espalhar-se pela Europa, mas que será (julgo) pioneiro em Portugal: os micro bosques urbanos. Se alguém conseguir completar o acrónimo, até sugiro um nome para a intervenção: PHALU - plantar árvores em localização urbana.

João Diniz

IVA dedutível
Baixos consumos
Produto 100% Isuzu

ISUZU D-MAX

GARANTIA ISUZU
5 ANOS
100.000KM

SOCARROS
Rua Mártires de Timor, N°25
2500-839 Caldas da Rainha
Telf: 262 839 820

(003)

Oxalá!

Cheguei a Caldas da Rainha aos 26 anos, atraído pela Ana, o amor da minha vida. Integrei-me no Hospital, cheio de ilusões e de projetos. Alguns realizaram-se: uma família linda, uma atividade profissional intensa. Outros ficaram aquém.

Relevo, 36 anos depois, o peso de 3 instituições: a Gazeta das Caldas, o Montepio Rainha D. Leonor e o Hospital.



Vão 30 anos de exercício clínico no Montepio, apenas interrompidos durante 3 por uma experiência de gestão hospitalar. A Clínica do Montepio permitiu-me o livre exercício da Medicina e o privilégio duma relação médico-doente sem barreiras. O Hospital valorizou o gosto pela clínica, o trabalho em equipa, a carreira profissional. Quis mais e melhor! Vesti a camisola! E mantem-se vivo o sonho dum novo Hospital, moderno, modelar, correspondendo às aspirações de doentes e profissionais.

Sempre considerei a Gazeta das Caldas como um veículo de boa informação, promotor de integração. Um espaço de liberdade! Brindo à sua longa vida!

E, se os astros estiverem alinhados, se houver vontade política, se os nossos governantes tiverem critério, se houver atempado financiamento europeu, pode ser que a edição dos 100 anos da Gazeta seja preenchida pela boa notícia da inauguração dum novo Hospital. Pode ser. Oxalá!

António Curado

Prenda de olhar e ver

Nos seus 95 anos de vida a Gazeta das Caldas enraizou-se nos leitores, que vivem ou trabalham no Concelho ou bem longe dele e mantêm a sua ligação afectiva e vontade de estarem informados sobre o que se passa. Refiro-me aos Caldenses espalhados pelo mundo.

Ao longo de 95 anos a Gazeta, como é conhecida, teve certamente altos e baixos como todas as vidas e fez muitas adaptações.

Os tempos que correm, em que há na comunicação social dita tradicional ou clássica em simultâneo excessos e falta de informação, muitas opiniões e repetições e largas ausências de visibilidade do país real, penso haver uma enorme oportunidade eficaz de fazer diferente. Flexibilidade e Inovação são palavras de ordem. Aqui fica, à laia de prenda de anos uma sugestão prática, adaptada de uma ideia que tenho há muito e que me levou a falar no “tonus social” em várias das 14 crónicas OLHAR E VER (2018/19). Que a Gazeta preencha a evidente lacuna de visibilidade dos parceiros do país real especializando-se assumidamente em tudo o que é positivo: bons exemplos criadores de soluções, desenvolvimento, valor. Gente que não desiste e de quem qualquer sociedade saudável precisa!



Ora sendo esta atitude/visibilidade um bem escasso e potencialmente atractivo, se devidamente divulgada terá tendência a aumentar assinaturas/vendas e consequentemente criar músculo para a Gazeta continuar o seu caminho para os 100 anos e aí por diante. Até lá!

Ana Pacheco

Vivam os 95 anos da Gazeta!

Fazer 95 anos não é para qualquer um. É muito mais do que a actual esperança média de vida, que se situa nos 81 anos.

O nascimento da Gazeta das Caldas nos Pavilhões do Parque, jornal regional e regionalista como se afirma no 1.º número, é também um dos factores essenciais de consolidação da urbanidade e centralidade territorial das Caldas da Rainha, que culminaria com a elevação da vila a cidade passados dois anos, a 26 de agosto de 1927. Tal como se afirma no editorial do 1.º número logo na 1.ª página:



A Gazeta das Caldas, jornal regionalista que hoje inicia a sua publicação, por assim dizer o porta-voz de todos que amam esta região. A sua ação ao lado da Câmara Municipal, da Comissão de Iniciativa e das Associações locais, no que elas de bom fizerem, muito ha de contribuir para o progresso duma das mais belas regiões do nosso país.

Este amor das Caldas da Rainha pela região na qual é a mais relevante centralidade territorial, deve continuar a inspirar todos os Caldenses nas melhores decisões políticas, projectos e acções de progresso social e económico. Com uma imprensa livre e independente ao seu lado. Assim seja!

Jaime Neto

Pub.

physioclem

A sua clínica de Fisioterapia e Osteopatia

www.physioclem.pt

CONTACTOS COMPLETOS



Fernando Xavier
Administrador da Cooperativa
Editorial Caldense

A Gazeta está viva

A Gazeta das Caldas comemora 95 anos de existência, num momento em que a comunicação social, nomeadamente a regional, atravessa enormes dificuldades para sobreviver.

Estas dificuldades já existem há algum tempo levando ao encerramento de alguns jornais regionais de referência nacional.

A Cooperativa Editorial Caldense, detentora do título “Gazeta das Caldas” desde 1975, tem pugnado ao longo destes 45 anos pelo seu engrandecimento e independência editorial, colocando a Gazeta das Caldas como um dos mais prestigiados órgãos de Comunicação Social regional de Portugal.

Estamos a viver um momento de grande incerteza quanto ao futuro, mas, não nos podemos deixar abater pelas dificuldades existentes, temos que ser resilientes, organizados, reinventarmo-nos a todo o momento para produzirmos um jornal independente, sério e respeitado, para que os nossos leitores e os anunciantes nos continuem a apoiar.

Por isso, estamos a proceder a diversas alterações de fundo, nomeadamente com a introdução de um novo grafismo, reforçando a nossa presença nas redes sociais, alargando a nossa área de influência na região Oeste, reformulando a nossa área comercial com a criação de novos produtos, lançando uma campanha de assinaturas do “centenário” e outras iniciativas que a seu tempo serão oportunamente divulgadas.

Resta-nos deixar uma palavra de profundo agradecimento aos nossos Colaboradores, pelo seu profissionalismo e dedicação a este projecto com 95 anos chamado GAZETA DAS CALDAS, pois sem eles não seria possível manter vivo o nosso e vosso jornal, connosco têm enfrentado as enormes dificuldades com que nos temos deparado neste últimos tempos.

Uma palavra final aos Cooperantes, juntos vamos levar a GAZETA DAS CALDAS aos 100 anos de existência, contamos convosco contém connosco.

Parabéns, Gazeta das Caldas!

#CumpraAsRegras

Parabéns
Gazeta das Caldas
95 anos

grupo
CORREIA ROSA
www.correiarosa.pt

A cuidar da sua saúde desde 1945



FARMÁCIA
ROSA



FARMÁCIA
CALDENSE



FARMÁCIA
SANTA CATARINA



ARTICULAR
ORTOPEDIA & BEM-ESTAR

Cuide da sua saúde + Cuide da saúde de todos + Nós ajudamos.

CONHEÇA OS
NOSSOS SERVIÇOS:

915 702 242

**FARMA
PICKUP**

Encomende e
levante na sua
farmácia.



A FARMÁCIA VAI A CASA
Entregas em
casa.



A FARMÁCIA VAI AO TRABALHO
Entregas no
trabalho.

Isenção e pluralismo

Foi com surpresa e agrado que recebi o convite para enviar um texto para a Gazeta. Ainda mais tratando-se desta edição de aniversário, que anuncia outro, maior e mais redondo, de um século de existência. O mundo em mudança acelerada aumenta os desafios para a imprensa e para todos nós. A pandemia veio aumentar a angústia do presente e obriga-nos a pôr os olhos no futuro.

Queremos voltar a viver como vivíamos? Ou queremos olhar para os jovens e para o planeta e acreditarmos que a vida se prolongará por muitas gerações? Infelizmente temos de dar de beber a essa dúvida e também dar à sede o benefício da dúvida. O paradigma que se aprofundou nos últimos 40 anos trouxe-nos este sentimento apocalíptico, porém, oferece-nos agora este momento de paragem e epifania colectiva para a urgência de mudança de padrão.

A cartilha dos últimos 40 anos está posta em causa, pela pandemia e pela voragem anunciada de uma crise económica que pode superar 1929. Até o conservadoríssimo Financial Times assume em editorial de Abril (curioso...) de 2020 que o papel dos estados é essencial na economia. Volta Marx! Bem-vindo Keynes! Estão perdoados. Afinal a financeirização é uma treta ao serviço de poucos, indiferente e inimiga da sustentabilidade.

Novos tempos reclamam outros ângulos para olhar o outro e ver futuro. Perante a consciência da finitude planetária há que encontrar outros indicadores de bem-estar. A procura e o caminho fazem-se com uma imprensa próxima dos cidadãos, isenta e plural. Feliz Aniversário Gazeta!

Lino Romão



Uma plêiade brilhante de mocidade

“A Gazeta das Caldas é criada para servir um grupo específico dentro da elite local de Caldas da Rainha, «uma plêiade brilhante de mocidade» como o jornal lhe chama, que domina as principais instituições locais: a Câmara, a Comissão de Iniciativa e a Associação Comercial e Industrial”

O meu avô iniciou a sua atividade comercial em 1917, o seu número de registo na referida Associação o 54. Tendo em conta que a Gazeta inicia a sua atividade em 1925, acredito que o posso contar entre esta “plêiade brilhante de mocidade”. A loja que abriu, inicialmente uma mercearia, é uma das mais antigas da nossa cidade mantendo-se como referência na história de tantas famílias. O comércio tradicional caldense é, desde sempre uma marca distintiva, por isso aqui acorriam gentes de tantos lugares. Lembro, além da Casa Varela, a Casa Baptista, a Casa Ramiro, a Parnaso...

Durante a pandemia os meus pais mantiveram-se mais resguardados e eu descobri uma loja maravilhosa onde podemos encontrar... tudo! É espantoso como atravessámos gerações, como vendemos para os avós e agora para os netos. É delicioso perceber como as pessoas gostam de conversar enquanto são atendidas... contam coisas engraçadas e muito interessantes. Estou rendida a esta loja!

Olho, agora, com mais respeito para este mundo do comércio de proximidade, onde a sabedoria da vida se aprende em cada cliente, em cada amigo que entra.

Sinto a empatia que se cria com o freguês, nestas lojas de família para famílias e a segurança que faz as gerações regressarem, não a um passado mas a um novo paradigma de relações comerciais que importa reconhecer e valorizar já que cumprem o desígnio proposto na primeira edição da Gazeta: “Contribuir para o progresso de uma das mais belas regiões do País”.

Margarida Varela



Ainda... “Quo Vadis... Caldas?” Pilares do Regime

Uma comunicação social atenta, livre, corajosa e independente, é a que se constitui como um pilar das verdadeiras democracias.

Nos regimes antidemocráticos totalitários, a comunicação social é “substituída” pelos meios de transmissão ideológica do regime e como tal, seus pilares também. É assim na China, Coreia do Norte, Cuba, Venezuela, etc...

Tudo muda quando a comunicação social se transforma em veículo de transmissão do poder, seja à escala nacional, regional ou local.

A recente decisão governamental, de subsidiação da comunicação social, teve a intenção de reforçar o controlo sobre ela.

Afinal, devemos lealdade a quem nos paga. Se por norma já é subserviente e conivente com o poder, seja por acto ou apenas por omissão, passou agora a ser ainda mais submissa. E nem só de subsídios diretos e declarados se sustenta esta conivência silenciosa e silenciadora, há “frete” mais ou menos camuflados, que exigem em troca, tratamento dócil do outro lado.

Quando assim é, a comunicação social deixa de ser um pilar do regime e passa a ser um pilar do poder, tal como nos regimes totalitários. E isto é assim, cada vez mais.

Quando em 2015 a Gazeta iniciou a publicação de artigos de opinião, por autores de quadrantes políticos e ideológicos distintos e abrangentes, teve o mérito de dar abertura a opiniões que fizeram a diferença, na independência e liberdade de expressão que se exige e raramente existe. Os votos para que assim continue.

Rui Gonçalves





WIDEX
ESPECIALISTAS
EM AUDIÇÃO

Pub.

MARQUE UMA
CONSULTA DE
ACONSELHAMENTO
AUDITIVO
GRATUITA



NOVO WIDEX MOMENT™

O SOM DOS
BONS MOMENTOS,
TAL COMO OS
RECORDA

Descubra o que pode esperar dos novos Aparelhos Auditivos WIDEX MOMENT™:

- Um som tão natural que se esquece que o está a usar.
- Inteligência artificial para que tenha uma audição automaticamente adaptada aos diferentes ambientes acústicos.
- Fácil de usar e personalizar - Controle todas as funcionalidades através do seu smartphone.
- Não perca nenhum Momento! Autonomia total para o seu dia-a-dia, agora também com opção recarregável.

PELOS 95 ANOS DA GAZETA VENHA AO
NOVO CENTRO AUDITIVO WIDEX NAS CALDAS E RECEBA:

• **10% DESCONTO***

• **5 ANOS DE PILHAS****

• **4 ANOS DE SEGURO**

*Em programa de reabilitação auditiva e protetores auditivos. **No caso de aparelhos auditivos recarregáveis, oferta de baterias durante 5 anos.
Não acumulável com outras campanhas, acordos e protocolos em vigor.

PARABÉNS GAZETA DAS CALDAS

Nº verde gratuito

800 200 343

Dias úteis das 9h às 18h

[#PorUmaMelhorAudicao](#)

www.widex.pt

WIDEX CALDAS DA RAINHA

Rua Heróis da Grande Guerra, nº 163 2500-215 Caldas da Rainha • Tel: +351 26 210 10 20

(027)

Nos 95 anos da Gazeta

Condicionalada pelo espaço, nesta edição festiva, duas ideias fazem este texto.

A primeira é dar os parabéns à Gazeta das Caldas e desejar-lhe uma vida longa. Neste gesto, abraço quem fez nosso jornal desde a sua fundação e o fez chegar até hoje: diretores e jornalistas, evidentemente, mas também todos os colaboradores e aqueles que, ao longo do tempo, em funções menos visíveis, datilografaram textos, atenderam telefones, venderam publicidade, distribuíram o jornal. O jornal é um ser vivo, feito por imensas pessoas, que foram sucessivamente passando o seu testemunho. Muito obrigada a toda esta família que fez e faz a Gazeta! Parabéns também aos leitores: sem eles não existiria o jornal. Fazem parte desta grande família.

Ao mesmo tempo, a Gazeta faz também parte da família de cada um de nós e da nossa região. Acarinar este projeto, assinar o jornal, comprar nas bancas cada edição, anunciar na Gazeta é fundamental para que possamos continuar a celebrar aniversários. Sem imprensa local livre não há Democracia, nem Liberdade.

Que a Gazeta continue a ser um bastião da nossa região e a cumprir a sua missão fundamental, dando testemunho vibrátil da nossa vida coletiva, é o meu maior desejo neste aniversário.

Cristina Rodrigues



Caso muito raro de longevidade

A Gazeta das Caldas é um caso muito raro de longevidade para um jornal em geral e ainda mais para um regional. Logo, impõe-se assinalar a sua existência ao longo dos últimos 95 anos.

Que seja reconhecido o mérito aos seus responsáveis em trazer esta publicação até aos dias de hoje.

O jornal sempre teve linhas editoriais interessantes ao longo dos anos, criticando, nalgumas ocasiões, o poder local e nacional.

Quem faz investigação história das Caldas da Rainha e da região não pode deixar de consultar a Gazeta referentes às épocas em estudo. É fundamental ler este jornal para perceber melhor a história.

Agora, com a disponibilização das edições on-line no site do Arquivo Distrital de Leiria, facilita-se muito o trabalho dos investigadores de temas históricos, sendo um verdadeiro manancial de informação que, de resto, está disponível para o público em geral.

Quero dar os parabéns à Gazeta por este aniversário e desejar que continue a trilhar o seu caminho e que lhe seja reconhecido o mérito pela população da região Oeste.

Isabel Xavier



O caminho faz-se a caminhar

Nasci em 1951 em Santa Catarina e sou regular colaborador desde 2002 mas a Gazeta das Caldas faz parte da minha vida desde sempre. Ou quase.

Antes de escrever já lia as suas páginas em barbearias, tabernas e oficinas. Comecei a interessar-me por jornais e jornalismo em 1957 quando passava à porta da “Gazeta do Sul” no Montijo e ficava com o nariz colado ao vido do escritório do jornal fundado por Alves Gago no qual se estreou o poeta Sebastião da Gama, assinando como Zé d’Anicha, nome da pedra frente à Pensão de seu pai na Arrábida. Havia em Santa Catarina uma oficina de sapateiro (senhor Manuel Inácio) onde se liam os jornais quase todos (“Mundo Desportivo” mas não só) e onde trabalhava Juventino Freire, responsável pelos textos desportivos do Jornal da minha terra, “O Catarinense”.

Faço o exame da terceira classe e o da quarta numa Escola das Caldas da Rainha em 1961 e sou incorporado no RI5 em Abril de 1972; sempre perto da Gazeta das Caldas.

Entretanto e já com um livro colectivo publicado em 1971 surge a oportunidade e começo a escrever no “Diário Popular” em 1978 com Jacinto Baptista. No ano seguinte apareço em “A Bola” com Carlos Pinhão, em 1986 assino crónicas no “Record” com Ricardo Tavares e em 1988 no “Sporting” com Fernando Correia.

A carteira profissional só chegou em 1997 por razões óbvias (era bancário) mas a paixão já era forte. Hoje escrevo na Revista LER, no “Correio do Ribatejo”, na Gazeta das Caldas e leio uma crónica semanal na Antena Um Açores. Em 2020 como em 1978 continuo a pensar que o Jornalista é o Historiador do quotidiano porque o Jornalismo é uma disciplina da Literatura.

José do Carmo Francisco




**SOMOS
DOS POUCOS
QUE PODEM DIZER
QUE A VIMOS
NASCER.**
**PARABÉNS
PELOS 95 ANOS,
GAZETA DAS CALDAS***
* só é PENA não poder haver festa



“Imprensa é veículo de conhecimento”

A imprensa e o ensino superior são dimensões essenciais da nossa sociedade. Assentam ambos num paradigma de liberdade de expressão e de opinião, mas também de igualdade de oportunidades, democratização e coesão social, melhorando o nível educativo, cultural e científico do país. Para o Politécnico de Leiria a imprensa escrita continua a ser um grande veículo de disseminação de conhecimento. Parabéns Gazeta das Caldas! **Rui Pedrosa** (presidente do Politécnico de Leiria)



“Um notável serviço público”

95 anos de informação e de pluralismo de opinião, num notável percurso de serviço público, que tem acompanhado e desafiado a comunidade que serve, assumindo a responsabilidade social de dar voz e espaço à reflexão estratégica da região, à diversidade, às convergências e divergências e assim contribuir para o reforço da identidade e valorização do território e das suas gentes. Parabéns, prestar um bom serviço informativo também é “Olhar a Diferença com Igualdade”. **Ana Domingos** (presidente da direcção da Centro de Educação Especial Rainha D. Leonor)



“Jornal com presença distinta”



Felicitos a Gazeta das Caldas pelo seu 95.º aniversário! Um jornal periódico local que ao longo dos anos tem vindo a assumir uma presença distinta, atenta, não esquecendo o passado, documentando o presente, perspetivando o futuro, onde a voz do Povo é soberana e a Cultura está sempre presente. Votos de um futuro jornalístico promissor, com informação diferenciada e de excelência. **Carlos Coutinho** (director dos museus de Cerâmica, José Malhoa e Joaquim Manso)

“Que se mantenha livre e sem medos”

Deixo os parabéns à Gazeta das Caldas pelos 95 anos ao serviço da divulgação dos muitos acontecimentos, culturas e linguagens da comunidade local, regional e nacional. Se o jornal de abrangência local e regional desaparecer será um dano irreversível e fará muita falta ao presente e ao futuro da comunidade. Assim, desejo que a Gazeta das Caldas comemore o seu aniversário por muitos e mais anos, publicando o que se fala, refletindo sobre o que nos perturba, aprofundando o que se discute e divulgando várias opiniões. E que se mantenha livre e sem medos. **Elsa Baião** (presidente do Conselho de Administração do Centro Hospitalar do Oeste)



“Rumo ao centenário”

Felicitos a Gazeta pelos seus proventos 95 anos. A sua missão, como órgão de comunicação, tem tido uma faceta importantíssima, com a tarefa de manter os caldenses e, de um modo geral, os Oestinos espalhados pelo mundo, ligados à terra e à região. A divulgação dos acontecimentos e das actividades das várias Instituições e Associações contribui de forma decisiva para que os “deslocados” possam manter essa ligação. Para já não falar da ansiedade que os Políticos demonstram até lerem o jornal da semana... Parabéns e vamos rumo ao Centenário. **Lalanda Ribeiro** (político e provedor da Santa Casa da Misericórdia das Caldas da Rainha)



“Parabéns por este percurso”

Quero dar os parabéns à Gazeta das Caldas por estes 95 anos de existência. São 95 anos que fizeram e fazem a diferença na nossa região. 95 anos de informação. 95 anos de cidadania. Informar os cidadãos é uma tarefa difícil, mas essencial para o processo democrático. É através da informação que construímos pensamento crítico e contribuimos para uma melhor cidadania. Parabéns por este percurso. **Humberto Marques** (presidente da Câmara de Óbidos)



MANUEL BARRETO
MADEIRAS
MANUEL BARRETO MADEIRAS, SA

Comércio de Madeiras
Materiais de Construção
Proteção e Decoração para Madeiras
Vigas Laminadas
Madeiras Tratadas em Autoclave
Sistemas de Fixação para Madeira
Construções e Recuperações em Madeira

Rua Dr. Artur Figueiroa Rego - nº 70 - Qta. de Sto. António

geral@mbarretomadeiras.pt

262 841 227

(010)

“Um exemplo de jornalismo”

A Gazeta das Caldas é um exemplo da importância do jornalismo de proximidade em Portugal, através de uma ligação histórica e profunda à comunidade que teve início a 1 de outubro de 1925. Como órgão privilegiado de imprensa local, permite uma relação de comunicação permanente com os leitores e a criação de laços sociais e culturais, através da partilha de informação e também de opiniões diversificadas.” **Paula Cândido** (*Diretora do Arquivo Distrital de Leiria*)



“Inestimável contributo para a região”

Pelo inestimável contributo da Gazeta das Caldas para o desenvolvimento da nossa região, não poderia deixar aqui de sublinhar o meu agradecimento pelas nove décadas e meia de serviço público prestado em prol do desenvolvimento das nossas populações e do nosso território. Fazemos votos para que a vossa publicação continue a ser um pilar perseverante de uma identidade intermunicipal oestina que urge continuar a construir, consolidar e preservar enquanto catalisadora da marca e do desenvolvimento regionais. **Pedro Folgado** (*presidente da Comunidade Intermunicipal do Oeste*)



“Os caldenses têm orgulho no jornal”

A Gazeta está de parabéns por ter ultrapassado tantas dificuldades. A comunidade reconhece-se num jornal tão relevante e os caldenses têm muito orgulho no jornal, que leva as notícias das Caldas e da região a vários pontos do país e ao estrangeiro. Os caldenses valorizam a Gazeta, que atravessou tantas gerações. Não deve ser fácil manter um semanário, é necessário grande profissionalismo. Do nosso lado, agradecemos a estreita colaboração com os Bombeiros. Parabéns, Gazeta! **Nelson Cruz** (*comandante dos Bombeiros Voluntários das Caldas*)



“Fiel depositário da história”

O Caldas, sendo já uma Instituição centenária, não se pode dissociar de uma referência como é a Gazeta das Caldas, porquanto, ao longo dos 95 anos da Gazeta, foi por ela acompanhado na sua rica e longa História. Esta simbiose tem permitido o crescimento mútuo de tão grandiosas Instituições, tornando, também, a Gazeta das Caldas, um fiel depositário da própria história do Clube e um parceiro estratégico na divulgação do nome do Caldas Sport Clube. Parabéns Gazeta das Caldas. **Jorge Reis** (*presidente do Caldas Sport Clube*)



“Parceiro da comunidade”

A Gazeta é uma entidade de extrema importância para a comunidade. Mostra a sua perseverança e a qualidade que faz com os leitores se mantenham fiéis. No contexto que vivemos, é importante que haja meios de comunicação como a Gazeta, que não ande às costas de notícias fáceis. Tem também sido um importante parceiro dentro da comunidade, participando em diversas iniciativas e eventos. Desejo que continuem a fazer esse trabalho e a ACCCRO também cá está para sermos parceiros e fazer história nas Caldas. **Luís Gomes** (*presidente da ACCCRO - Associação Empresarial das Caldas da Rainha e Oeste*)



“Uma relação íntima”

A Gazeta das Caldas tem uma íntima relação com a minha vida. O meu pai, Domingos Del-Rio, foi colaborador, redator e repórter durante toda a sua vida adulta, tendo chegado a ser seu diretor por alguns anos. Curiosamente, eu e a Gazeta compartilhamos a mesma data de aniversário: 1 de Outubro. Hoje, enquanto presidente dos Pimpões, reconheço na Gazeta um papel ímpar como parceiro das nossas atividades. Feliz aniversário Gazeta das Caldas. **Susana Chust** (*presidente da Sociedade Instrução e Recreio Os Pimpões*)



GRUPO SD

TEMOS AS FERRAMENTAS PARA DESENVOLVER O CAPITAL HUMANO DAS ORGANIZAÇÕES!

WWW.GRUPOSD.PT

GESTÃO DO CAPITAL HUMANO
FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CONSULTORIA

O que irá encontrar nas novas páginas do seu semanário?

A Gazeta das Caldas sai para as bancas na próxima semana com um novo *layout*. Uma mudança que visa melhorar a ligação ao leitor e modernizar um projeto ímpar na imprensa regional. Por **Joaquim Paulo**



Encontrará três novas tipografias nas páginas da Gazeta das Caldas: Adelle, Kepler e Helvetica Neue

a Gazeta das Caldas é o jornal mais antigo do distrito de Leiria, uma referência no contexto da imprensa regional e um exemplo de resiliência. Contudo, como qualquer marca de grande prestígio, necessita de adaptar-se aos novos tempos e, por isso, aproveitando as comemorações do 95º aniversário, o semanário vai surgir transfigurado nas bancas na próxima semana, com um *layout*.

Para o desenvolvimento deste projecto contámos com o trabalho de toda a equipa redactorial e com a colaboração da designer Rita M. Pereira, natural do concelho de Porto de Mós e a viver actualmente no conce-

lho de Alcobaça. O percurso da designer conta com uma passagem de cinco anos na Escola Superior de Arte e Design das Caldas e alguns anos a trabalhar com jornais e editoras dentro e fora do país. O resultado deste trabalho é o reflexo desse trajecto de aprendizagem diária. A ideia fundamental é que a equipa do jornal possa utilizar estas ferramentas e com elas expressar a personalidade da Gazeta.

Nas próximas páginas revelamos um pouco do que poderá encontrar, a partir da próxima semana, nas páginas da Gazeta das Caldas, num projecto gráfico que mantém inalteráveis os valores do jornal e pretende projectá-lo para o futuro.

A tipografia **Adelle** foi desenvolvida para intensivo uso editorial, mas por ser versátil e flexível funciona igualmente bem na web — a sua multifuncionalidade e personalidade irresistível, além dos múltiplos prémios, levou a que fosse eleita para a Gazeta. Vai encontrar a **Kepler** nos textos principais — mais discreta que a Adelle, esta fonte serifada cumpre de forma impecável a sua função: favorecer a legibilidade enquanto lê tranquilamente o seu jornal. Para completar o trio, a **Helvetica Neue** é um grande clássico da tipografia e não podia faltar nas caixas, pela sua eficácia comprovada.

Gazeta das Caldas

Quinta-Feira, 08 de Outubro 2020
Preço: 1€

Nº 5340
Ano XCIV
Semanário
gazetadascaldas.pt

Desde 1925

Director: José Luiz de Almeida Silva | Director-Adjunto: Joaquim Paulo

Campeonato de surf começa em Outubro mas já atrai turistas

> Págs. 2 e 3



Caldas Workshops na rua para todas as crianças marcam esta semana da cidade do Zé Povinho

> Págs. 2



Nazaré Região destaca-se nas exportações agrícolas

> Págs. 2

Óbidos Região destaca-se nas exportações agrícolas

> Págs. 2

Alcobaça Região destaca-se nas exportações agrícolas

> Págs. 2

Mercados Trabalho à distância

Kepler nia a senit volorendo nobis dolor eintnis illaulecatio con por illabor eintnis m, et fuga. Neque ium remonjhi kiae omnis illaulecatio con por illao con por illabor eintnis illaulecatio con por illabor eintnis m, et fuga. Neque ium remonsequam u

> Págs. 2

Saúde Medidas pós-pandemia no Centro Hospitalar

> Pág. 44

Homenageou-se o legado da instituição aumentando o logotipo na capa

A capa da Gazeta das Caldas surge renovada, homenageando a tradição com o logotipo intocado e aumentado. Pretende-se favorecer a fotografia, a cor, melhorar a imagem e tornar mais cativante e rápida a leitura do essencial. Para isso reduziu-se a extensão dos textos na capa e apostou-se mais nos títulos dos conteúdos que vai encontrar com todo o pormenor, reservados para si nas páginas interiores.



Uma paleta de cores mais intensa tornará as páginas da Gazeta mais vibrantes

Mais inovações

A reestruturação surge como um ponto de partida para celebrar estes 95 anos do seu semanário, era por isso essencial modernizar o design editorial sem perder a sua essência e personalidade construída ao longo de quase uma centena de anos.

95 Anos da Gazeta | 10 de setembro de 2020

Testa

Título Adelle Heavy T35 Me liquam fugiam et dfaadfdf df

Caldas com a linha Adelle apresentada para destacar a sua reestruturação editorial e a sua essência e personalidade construída ao longo de quase uma centena de anos.



“At vestimet laccedit aut odijit euequam ressequa”
Natalia Ferreira

95

Ao folhear a nova Gazeta irá encontrar muitas novidades. De forma a facilitar a leitura aumentou-se o tamanho da tipografia, alterou-se a colunagem do jornal e intensificaram-se as cores

10 de setembro de 2020 | Economia

Mercados ganham fôlego após abrandamento das medidas restritivas

Exportações de bens por localização geográfica

País	Setor	Valor (€)	Variação (%)
Portugal	Indústria	12.345.678	+15.2%
Portugal	Serviços	9.876.543	+10.1%
Portugal	Agricultura	5.432.109	+8.5%
Portugal	Comércio	7.654.321	+12.3%
Portugal	Transporte	3.210.987	+5.4%
Portugal	Aluguer	1.098.765	+3.2%
Portugal	Outros	2.109.876	+7.8%
Portugal	Total	41.727.363	+10.5%

Fonte: INE, Base de dados de comércio exterior, 10 de julho de 2020

Padarias e startups aproximam-se para inovar e gerar negócios



As padarias tradicionais estão a aproximar-se das startups tecnológicas para inovar e gerar novos negócios. Esta parceria visa melhorar a eficiência e a sustentabilidade do setor.

Gostaríamos que cada edição fosse uma descoberta e um momento descomplicado por isso acrescentaram-se caixas informativas de diferentes formatos que vão ao mesmo tempo simplificar e adicionar interesse às suas notícias da semana, entre elas mini-entrevistas, números, citações, opiniões e algumas listas.

A Educação tem vindo a conquistar um merecido espaço nas páginas da **Gazeta**, já na **Economia** celebramos as rúbricas já existentes e inauguramos rúbricas novas. Continuaremos a reservar espaço para analisar temas relevantes e a actualidade da região;

[illegible]

06 setembro 2012 | **Contas das Contas** | 17

Economia

A desobediência

Brasil: T3 verifica que não se pode voltar ao ADO

Brasil: T3 não pode voltar ao ADO. O governo brasileiro não pode voltar ao ADO, segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O TSE decidiu que o Brasil não pode voltar ao ADO, pois isso violaria a Constituição. O TSE decidiu que o Brasil não pode voltar ao ADO, pois isso violaria a Constituição. O TSE decidiu que o Brasil não pode voltar ao ADO, pois isso violaria a Constituição.

Comparação: T3 verifica que não se pode voltar ao ADO

Brasil: T3 não pode voltar ao ADO. O governo brasileiro não pode voltar ao ADO, segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O TSE decidiu que o Brasil não pode voltar ao ADO, pois isso violaria a Constituição. O TSE decidiu que o Brasil não pode voltar ao ADO, pois isso violaria a Constituição. O TSE decidiu que o Brasil não pode voltar ao ADO, pois isso violaria a Constituição.

Comparação: T3 verifica que não se pode voltar ao ADO

Brasil: T3 não pode voltar ao ADO. O governo brasileiro não pode voltar ao ADO, segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O TSE decidiu que o Brasil não pode voltar ao ADO, pois isso violaria a Constituição. O TSE decidiu que o Brasil não pode voltar ao ADO, pois isso violaria a Constituição. O TSE decidiu que o Brasil não pode voltar ao ADO, pois isso violaria a Constituição.

Mercados ganham fôlego após abrandamento das medidas restritivas

Colocações e Index Adelle também foram afetadas, mas volatêis? que volatêis mesmo? que bem barcar leitar ao assim que e mudamos, corou

Colocações, bondades

Brasil: T3 não pode voltar ao ADO. O governo brasileiro não pode voltar ao ADO, segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O TSE decidiu que o Brasil não pode voltar ao ADO, pois isso violaria a Constituição. O TSE decidiu que o Brasil não pode voltar ao ADO, pois isso violaria a Constituição. O TSE decidiu que o Brasil não pode voltar ao ADO, pois isso violaria a Constituição.

Brasil: T3 não pode voltar ao ADO. O governo brasileiro não pode voltar ao ADO, segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O TSE decidiu que o Brasil não pode voltar ao ADO, pois isso violaria a Constituição. O TSE decidiu que o Brasil não pode voltar ao ADO, pois isso violaria a Constituição. O TSE decidiu que o Brasil não pode voltar ao ADO, pois isso violaria a Constituição.

Adelle bold volatêis leicapedit ao odipid eesqua- tã arloa duffed que cor aut quon- tã lthas

Comparação: T3 verifica que não se pode voltar ao ADO

Brasil: T3 não pode voltar ao ADO. O governo brasileiro não pode voltar ao ADO, segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O TSE decidiu que o Brasil não pode voltar ao ADO, pois isso violaria a Constituição. O TSE decidiu que o Brasil não pode voltar ao ADO, pois isso violaria a Constituição. O TSE decidiu que o Brasil não pode voltar ao ADO, pois isso violaria a Constituição.

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Adelle Heavy T23 Txt Secundario

Comparação: T3 verifica que não se pode voltar ao ADO

Brasil: T3 não pode voltar ao ADO. O governo brasileiro não pode voltar ao ADO, segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O TSE decidiu que o Brasil não pode voltar ao ADO, pois isso violaria a Constituição. O TSE decidiu que o Brasil não pode voltar ao ADO, pois isso violaria a Constituição. O TSE decidiu que o Brasil não pode voltar ao ADO, pois isso violaria a Constituição.

Comparação: T3 verifica

20

Gazeta das Caldas | 09 setembro, 2020

Reportagem



Título Adelle sad Heavy T45 Me liquam fugia bruo

Colabor com a lishas Adelle semibol para detesta. A 3 ou 3 colans volupat abutatus suadit, gnuOduq, ut raur scien et volun ar hachit emilun mologruis. 10 maxime copant ludo. Merendib incantatus suadit volup

Insuetos Jeralis
Agripa gnuT T45 sadit volupat abutatus suadit, gnuOduq, ut raur scien et volun ar hachit emilun mologruis. 10 maxime copant ludo. Merendib incantatus suadit volup

As venimet lacepedit aut odigid equum frenquiala arion perum dolore re natem erum et autuam am valore de

Reportagem



Título Adelle Heavy T33 Txt Secundario d fsd f5d1cmillendat

Insuetos Jeralis
Agripa gnuT T45 sadit volupat abutatus suadit, gnuOduq, ut raur scien et volun ar hachit emilun mologruis. 10 maxime copant ludo. Merendib incantatus suadit volup

95

21

Gazeta das Caldas | 09 setembro, 2020

Cultura



Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera dfg ddfdfg sdf sdf

Colabor com a lishas Adelle semibol para detesta. A 3 ou 3 colans volupat abutatus suadit, gnuOduq, ut raur scien et volun ar hachit emilun mologruis. 10 maxime copant ludo. Merendib incantatus suadit volup

Insuetos Jeralis
Agripa gnuT T45 sadit volupat abutatus suadit, gnuOduq, ut raur scien et volun ar hachit emilun mologruis. 10 maxime copant ludo. Merendib incantatus suadit volup

Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera dfg ddfdfg sdf sdf

Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera dfg ddfdfg sdf sdf

Cultura



Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera dfg ddfdfg sdf sdf

Colabor com a lishas Adelle semibol para detesta. A 3 ou 3 colans volupat abutatus suadit, gnuOduq, ut raur scien et volun ar hachit emilun mologruis. 10 maxime copant ludo. Merendib incantatus suadit volup

Insuetos Jeralis
Agripa gnuT T45 sadit volupat abutatus suadit, gnuOduq, ut raur scien et volun ar hachit emilun mologruis. 10 maxime copant ludo. Merendib incantatus suadit volup

Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera dfg ddfdfg sdf sdf

Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera dfg ddfdfg sdf sdf

26

Gazeta das Caldas | 09 setembro, 2020

Opiniões



Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera dfg ddfdfg sdf sdf

Colabor com a lishas Adelle semibol para detesta. A 3 ou 3 colans volupat abutatus suadit, gnuOduq, ut raur scien et volun ar hachit emilun mologruis. 10 maxime copant ludo. Merendib incantatus suadit volup

Insuetos Jeralis
Agripa gnuT T45 sadit volupat abutatus suadit, gnuOduq, ut raur scien et volun ar hachit emilun mologruis. 10 maxime copant ludo. Merendib incantatus suadit volup

Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera dfg ddfdfg sdf sdf

Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera dfg ddfdfg sdf sdf

Opiniões



Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera dfg ddfdfg sdf sdf

Colabor com a lishas Adelle semibol para detesta. A 3 ou 3 colans volupat abutatus suadit, gnuOduq, ut raur scien et volun ar hachit emilun mologruis. 10 maxime copant ludo. Merendib incantatus suadit volup

Insuetos Jeralis
Agripa gnuT T45 sadit volupat abutatus suadit, gnuOduq, ut raur scien et volun ar hachit emilun mologruis. 10 maxime copant ludo. Merendib incantatus suadit volup

Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera dfg ddfdfg sdf sdf

Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera dfg ddfdfg sdf sdf

30

Gazeta das Caldas | 09 setembro, 2020

Desporto



Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera

Colabor com a lishas Adelle semibol para detesta. A 3 ou 3 colans volupat abutatus suadit, gnuOduq, ut raur scien et volun ar hachit emilun mologruis. 10 maxime copant ludo. Merendib incantatus suadit volup

Insuetos Jeralis
Agripa gnuT T45 sadit volupat abutatus suadit, gnuOduq, ut raur scien et volun ar hachit emilun mologruis. 10 maxime copant ludo. Merendib incantatus suadit volup

Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera

Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera

Desporto



Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera

Colabor com a lishas Adelle semibol para detesta. A 3 ou 3 colans volupat abutatus suadit, gnuOduq, ut raur scien et volun ar hachit emilun mologruis. 10 maxime copant ludo. Merendib incantatus suadit volup

Insuetos Jeralis
Agripa gnuT T45 sadit volupat abutatus suadit, gnuOduq, ut raur scien et volun ar hachit emilun mologruis. 10 maxime copant ludo. Merendib incantatus suadit volup

Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera

Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera

31

Gazeta das Caldas | 09 setembro, 2020

Opiniões



Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera dfg ddfdfg sdf sdf

Colabor com a lishas Adelle semibol para detesta. A 3 ou 3 colans volupat abutatus suadit, gnuOduq, ut raur scien et volun ar hachit emilun mologruis. 10 maxime copant ludo. Merendib incantatus suadit volup

Insuetos Jeralis
Agripa gnuT T45 sadit volupat abutatus suadit, gnuOduq, ut raur scien et volun ar hachit emilun mologruis. 10 maxime copant ludo. Merendib incantatus suadit volup

Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera dfg ddfdfg sdf sdf

Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera dfg ddfdfg sdf sdf

Opiniões



Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera dfg ddfdfg sdf sdf

Colabor com a lishas Adelle semibol para detesta. A 3 ou 3 colans volupat abutatus suadit, gnuOduq, ut raur scien et volun ar hachit emilun mologruis. 10 maxime copant ludo. Merendib incantatus suadit volup

Insuetos Jeralis
Agripa gnuT T45 sadit volupat abutatus suadit, gnuOduq, ut raur scien et volun ar hachit emilun mologruis. 10 maxime copant ludo. Merendib incantatus suadit volup

Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera dfg ddfdfg sdf sdf

Título Adelle Heavy T33 Me liquam fugisaj Jera dfg ddfdfg sdf sdf

As páginas centrais da Gazeta assumem nova designação mas mantêm a personalidade: o tema retratado em cada edição dará agora o nome à secção;

A secção de Cultura mantém o propósito de celebrar o que de melhor se faz no mundo artístico e cultural da região. Encontrará crónicas, actualidade e agenda mas também entrevistas e novidades sobre livros e palcos. A página de Opinião traz novidades, que é o caso do editorial, passando a ser uma coluna fixa no seu semanário;

O Desporto continuará a trazer actualidade sobre as diversas modalidades que se praticam na região. Na Última página encontrará as últimas notícias de mais relevo e, como um ponto final muito positivo neste guia de leitura, a crónica "A Semana do Zé Povinho" que permanece, representando a ligação profunda do semanário à cultura e expressão da sua cidade.

Esperamos com esta renovação transformar a leitura da Gazeta das Caldas num momento de ânimo, interesse e descontração. Boas leituras!

44

8 de outubro de 2020 | Gazeta das Caldas

VARÃO PARA BETÃO · VIGAS · TUBOS · CHAPA / ESTRIBOS · REDES
BARRAMENTOS · ARAMES · MALHAS ELECTROSOLDAS / AÇO INOX
CHAPA SANDWICH (CORTE À MEDIDA) / POLIETILENO / ISOLAMENTOS



THOMAZ DOS SANTOS

ESPECIALISTAS EM PRODUTOS SIDERÚRGICOS DESDE 1922

FERRAGENS / FERRAMENTAS / MAT. FIXAÇÃO E SEGURANÇA / SANITÁRIOS / MÁQUINAS
TINTAS E COLAS / JARDIM / CANALIZAÇÃO / PAVIMENTOS E REVESTIMENTOS CERÂMICOS

Thakita



fischer



Sanitana



KÄRCHER





Francisco Rebelo dos Santos
Presidente da Cooperativa Editorial Caldense

Missão imprescindível

É um privilégio cada vez mais raro celebrar anos de vida de um jornal. Sem uma imprensa livre e robusta não é possível existir uma democracia adulta ou uma nação que reconhece direitos universais aos seus cidadãos. A imprensa e o jornalismo são a única resposta eficaz contra a pandemia das notícias falsas e da manipulação. A imprensa só é imprensa com jornalistas livres que sabem e querem fazer perguntas, sem medo de denunciar, que assumem o direito e dever de incomodar os poderes instalados.

As marcas de consumo, os dirigentes políticos, os responsáveis pelo poder central ou local, as organizações em geral, todas estas entidades têm nos dias de hoje canais que as ligam diretamente aos seus públicos, o que facilita passar a mensagem do emissor, no tempo e no modo entendido mais conveniente para os seus interesses.

Há princípios de transparência muito virtuosos neste mundo novo que esmiúça o que cada um faz, diz, ou gosta, permitindo mensagens personalizadas, à medida de cada cidadão. Mas, ao mesmo tempo, há todo um campo de dúvidas e perigos onde a manipulação ganha terreno. Aos poucos, a informação está a perder terreno para a propaganda.

O espaço público das democracias aproxima-se desta forma dos regimes totalitários em que é muitas vezes difícil ou impossível separar o que é verdade da mentira.

É normal encontrar em qualquer pequeno ou grande serviço público, uma assessoria de comunicação que está ali para fazer passar a sua mensagem. Os problemas graves do país são muitas vezes resumidos a “erros de comunicação”, numa tentativa bacoca de proteger os protagonistas de iniciativas desastrosas de figuras políticas ou empresariais.

Este é o paradoxo dum tempo em que abunda a comunicação, mas escasseia a informação credível, capaz de alicerçar o conhecimento. É neste espaço de antagonismos que entra a importância da imprensa e o papel do jornalismo.

No papel da imprensa cabem todos os valores que identificam uma sociedade justa

Sem uma imprensa regional forte, as comunidades locais serão sempre fracas, perdidas em teias de interesses onde se agarram, de onde dificilmente conseguem sair

e solidária, que protege de igual forma cada cidadão, sem deixar ninguém para trás.

Sem ceder a interesses ou pressões, a imprensa tem o direito e o dever de escutinar todos os poderes, ouvir todas as partes, defender o estado de direito, promover a defesa dos direitos do homem, acolher os valores da inclusão, dar voz às minorias e sublinhar o contraditório.

O jornalismo, com estas complexas missões, parece uma utopia, mas é uma utopia realista, a única escolha possível, um percurso difícil e exigente, mas muito digno e imprescindível.

Sem uma imprensa regional forte, as comunidades locais serão sempre fracas, perdidas em teias de interesses onde se agarram, de onde dificilmente conseguem sair.

Festejar 95 anos de vida deste jornal é sublinhar a nobreza de todos os que ao longo de muitas décadas fizeram destas páginas uma tribuna de valores e de construção de futuro. É também um momento único para a comunidade que se revê neste jornal. Uma região que tem um jornal pujante, com 95 anos, uma marca incontornável no panorama da imprensa regional portuguesa, só pode ser um território que discute o presente com a paixão de querer chegar longe.

Voltamos ao princípio, é um privilégio cada vez mais raro celebrar anos de vida de um jornal.

Parabéns Gazeta das Caldas.

ficha técnica

Diretor José Luís Almeida e Silva **Diretor-adjunto** Joaquim Paulo **Administração** Francisco Santos, Fernando Xavier e Manuel Nunes **Textos** Fátima Ferreira, Isaque Vicente, Joel Ribeiro,

Joaquim Paulo (edição) e Natacha Narciso **Serviços comerciais** Sara Lopes **Serviços gráficos** Carlos Reis e Carina Querido **Secretariado** Beatriz Vicente e Alda Bernardino **Impressão**

Gráfica Diário do Minho **Tiragem** 8 mil exemplares *** Esta revista faz parte da edição 5351 de 8 de outubro de 2020 da Gazeta das Caldas e não pode ser vendida separadamente

Leiribéria. Já abriu o novo Concessionário SEAT nas Caldas da Rainha.

Aproveite as ofertas de abertura:

A partir de

59,90€*

Mudança de Óleo
e Filtro + Oferta
de check-up geral.

-50%

em Peças de Desgaste
Bateria, embraiagem,
travões e escovas.

Oferta

Higienização com
Máquina de Ozono.

Descubra a Nova
Gama SEAT Leon.



Marque o seu
test drive aqui.

LEIRIBÉRIA – Grupo AMCONFRARIA

CALDAS DA RAINHA - Estrada Nacional 8 – km93, 94 Lugar de Lavradio – Tornada

Marcações: 262 509 414 ou geral.cr@leiriberia.com

*Óleo e filtro por 59,90€ para viaturas a Gasolina que não utilizem Óleo Long Life; Óleo e Filtro por 79,90€ para viaturas a Gasóleo que não utilizem Óleo Long Life; Óleo e Filtro por 89,90€ para viaturas que utilizem Óleo Long Life; Check-up inclui ligação à máquina de diagnóstico e verificação dos elementos de segurança (pneus, travões, luzes e escovas). Preços incluem IVA. Campanha válida para viaturas com mais de 5 anos. Válido até 31/12/2020.



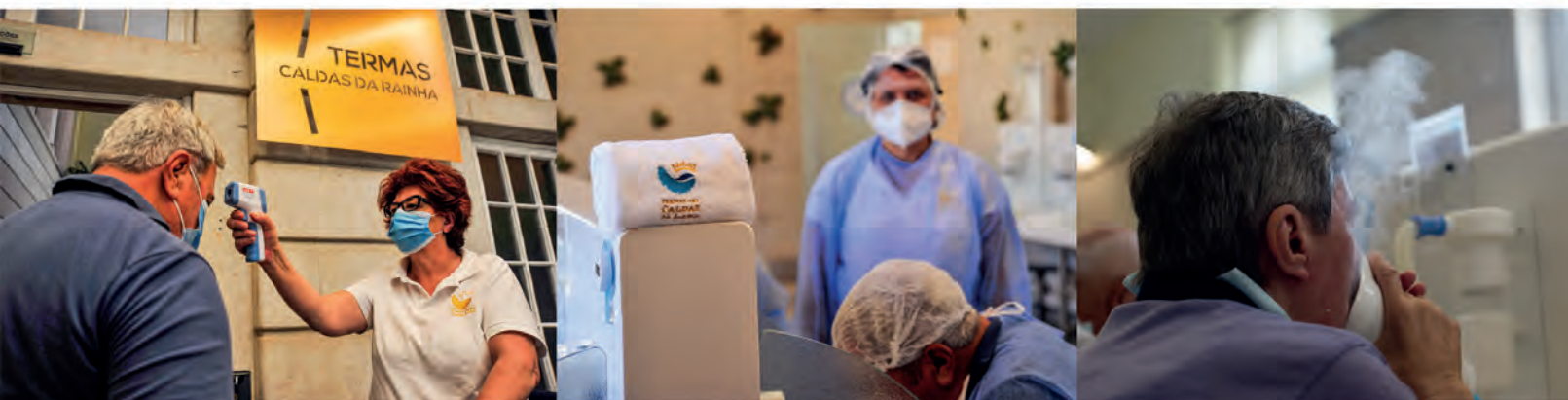
TERMAS DAS CALDAS DA RAINHA

O Hospital Termal das Caldas da Rainha está em pleno funcionamento, depois de um período de suspensão dos tratamentos termais devido à pandemia de COVID-19.

As termas das Caldas estão preparadas para o receber com toda a segurança, tendo reforçado os já rigorosos protocolos de higienização e aplicação das recomendações emitidas pelas autoridades de saúde.

Tratamentos disponíveis: VIAS RESPIRATÓRIAS/ TÉCNICAS ORL

Nebulização individual
Inalação nasal buco Faríngeo
Irrigação nasal
Pulverização faríngea
Aerossol termal/sónico



"CLEAN & SAFE" TERMAS DE PORTUGAL

O selo "Clean & Safe" para as Termas de Portugal, criado pelo Turismo de Portugal e Associação das Termas de Portugal (ATP), visa reconhecer o compromisso de cumprir as recomendações emitidas pela Autoridade Turística Nacional, em articulação com as orientações da Direção-Geral da Saúde para reduzir riscos de contaminação dos seus espaços com o novo coronavírus ou outras infeções.

📍 Termas das Caldas da Rainha
Largo Rainha Dona Leonor
2500-176 Caldas da Rainha

☎ +351 262 240 012

✉ termas@cm-caldas-rainha.pt